

MULHERIO

Ano II, nº 10, NOVEMBRO, DEZEMBRO 1982

CrS. 150,00

**Mulher faz: um festival de artes (p. 10),
politica (uma vigorosa entrevista de
Domitila Chungara, na p. 12), literatura
(a vida de Clarice Lispector, p. 14),
amor (p. 6). Mulher tagarela muito.
E também já discute o que fazer nos
governos estaduais de oposição (p. 8).**

CLARICE

DOMITILA



Censura em Goiânia

O espaço conquistado pela mulher na imprensa brasileira é ainda muito pequeno e, em função disso, reafirma-se a importância de **Mulherio** pela sua autonomia em relação às colocações relativas à luta da mulher pela sua identidade. Aqui em Goiás, o grupo feminista Eva de Novo, do qual faço parte, tinha conseguido, há muito tempo, uma página mensal no jornal O Popular. No entanto, neste período pré-eleitoral, o jornal está passando por uma fase de rígida censura interna e tive recentemente um artigo censurado por este órgão de divulgação. Considerando a violência desse ato, primeiro um atentado à livre expressão e, em segundo lugar, pelo caráter sexista da medida, solicito a **Mulherio** a denúncia do fato.

Teima Camargo da Silva, Goiânia, GO

N. da R. — O artigo vetado tem o título "De Esther ao M.D.S.: a corrida em busca do eleitorado feminino". Nele, Teima diz que a criação do Movimento da Mulher Democrática Social e a nomeação de Esther de Figueiredo Ferraz como ministra da Educação são "peças fundamentais na conquista do eleitorado feminino pelo governo". Ela diz que o M.D.S. "nada mais é do que o etiquetar das atividades já exercidas, há muito tempo, por esposas e mães de candidatos do partido do governo: a tarefa complementar de assistencialismo aos "carentes". Quanto à nomeação de Esther, afirma: "As mulheres não mais se deixam iludir com falsas representações e,

*usando nosso direito à voz — arduamente conquistado —, indagaria o que muda para o movimento de mulheres, na área de educação, o fato de se ter uma mulher no lugar de um homem no MEC". Para quem quiser, a redação de **Mulherio** tem a íntegra do artigo de Teima.*

Correio

Gostaria de utilizar a seção de cartas para pedir informações sobre a escritora paulista Ercília Nogueira Cobra que, nos anos 20, escreveu dois livros polêmicos: *Virgindade Anti-Higiênica* e *Virgindade Inútil*. Como historiadora, estou tentando tirar do esquecimento a vida desta mulher corajosa. Os dados até agora encontrados são escassos, daí ser bem-vinda qualquer informação — por mais imprecisa e subjetiva que possa parecer — sobre a vida e a obra de Ercília. Pediria que as cartas fossem dirigidas pessoalmente.

Maria Lúcia Mott, Rua Oscar Freire, 1360, apt. 61 — CEP 05409, São Paulo, SP.

Só para japonesas

Tenho recebido regularmente o jornal *The Japanese Out*, publicado na Grécia e dirigido às japonesas que moram no Exterior. Ignorando a língua, quero dá-lo a quem estiver interessada. Escrever para Danda Prado, A/C Coletivo de Mulheres, Caixa Postal 33.114, CEP 22.442, Rio de Janeiro.

Pais e filhas adolescentes

Eu nunca havia lido **Mulherio** e gostei muito. Esse tipo de jornal é bom, porque além de alertar os homens contra o machismo, alerta também as mulheres que não percebem o papel de submissas que fazem. Estava faltando alguma coisa do tipo desse jornalzinho. É ótimo.

Acho que foi lendo **Mulherio** que eu tive a vontade de mandar um artigo sobre feminismo. Gostaria que vocês publicassem se acharem coerente e possível:

Se o problema da mulher adulta até hoje não está bem difundido, o problema da menina adolescente está menos ainda. E eu acho que o fato da submissão feminina ao homem vem, principalmente, da criação dela, e a adolescência é uma parte da educação de qualquer ser humano.

Quando um pai diz à sua filha: — "Confio em você", quer dizer que ele acredita que sua filha não irá fazer nada que ele não saiba (geralmente em questão de sexo). Neste caso, o pai está querendo dizer que ela não o trairá com outro homem. Caso contrário, para que tanta preocupação? Se não é isso o que ele quer dizer, é esse o efeito que produz nela. Há algo mais repugnante do que saber que seu pai a prende por ciúmes? Pelo mesmo ciúme que um marido sente por sua esposa?

Indiretamente ele a chama de mulher e diretamente diz que ela não pode fazer muitas coisas, por ser criança, pois tem apenas 15 ou 16 anos. Isso é uma coisa que quase ninguém repa-

ra, talvez nem a menina, mas isso a afeta sem ela perceber, e as consequências são as mesmas: a menina acaba achando que sempre depende de alguém, isto é, é difícil ela se imaginar sozinha na vida, sem alguém para olhar por ela.

Então, quando essa menina tentar entrar na vida sexual prática, vai ser uma experiência dolorosa, angustiante, vergonhosa e talvez até frustrante porque: ela pensa que é inferior ao homem principalmente porque sempre disseram que sexo é sujo, mas nunca disseram isso a seu irmão. Ela acaba tendo nojo de si própria. Além de tudo isso, ela sente-se culpada por estar fazendo algo proibido, sujo, nojento e imoral.

Como é possível um ser humano ter um relacionamento aberto com outro, se ele não consegue se libertar das repressões a que foi acostumado? Isso impede toda uma vida sadia, bonita e madura por causa de um capricho de que a mulher tem que ser pura, virgem. A mulher não tem que ser nada disso, pois é uma pessoa como qualquer homem.

(...). Ninguém quer ser mais que ninguém, ninguém quer poder mais que ninguém. Só queremos ter o direito de sermos iguais a todo mundo (sem complexos). Esse direito que queremos não é para compensar o tempo perdido, pois isso é irrecoverável, mas só para podermos viver como gente que somos.

Silvia Cassoni, 15 anos, Araraquara, SP.

"Tenho vergonha, tenho medo"

Gostei muito de ler o artigo "Quer ser mãe", publicado no n.º 9. Realmente somos, desde bebês, criadas para a maternidade: nossos brinquedos, nossas bonecas, tudo converge para o "fim maior" da mulher: SER MÃE. Mas, ao depararmos com a infertilidade, nos dá a impressão de estarmos ocas, fazemos parte das mulheres que, como a terra estéril, nada mais resta a plantar, semear, colher. É tabu falar no assunto. (...) O mais difícil é aceitar uma situação que nos torna diferentes. Fica em nós um misto de vergonha e medo de nos relacionarmos, de amarmos. Não quero que vocês publiquem isso: ainda tenho vergonha. Mas quero que saibam que a luta de muitas mulheres é aceitar sua condição. Lutar por um trabalho (nada fácil), pela aceitação e respeito dos outros. Querer ser "livre" é principalmente libertar-se dos imensos tabus e das correntes internas, inconscientes. Todas nós temos essa luta e vocês, mais uma vez eu digo, estão colaborando muito para isso. (...)

Uma assistente social de São Paulo

N. da R. — Apesar de seu pedido, publicamos sua carta, apenas omitindo seu nome. Achamos importante publicá-la, ao menos para que a vergonha, o medo, possam ser compartilhados.



Expediente

Conselho Editorial — Carmen Barros, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Ely, Fúlvia Rosemberg, Heleleth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehi, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Miriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Mello (administradora).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTB n.º 10.680, SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pode-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1.565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.





Não se pode abordar o tema do "separatismo" entre homens e mulheres na atuação do movimento feminista sem assumir que seu "inimigo específico" é a estrutura patriarcal da sociedade que beneficia os homens em detrimento das mulheres, queiram eles ou não. Mesmo o homem lúcido, humanista, dizendo-se "mais feminista que as mulheres", usufrui os privilégios de viver numa sociedade patriarcal.

Ele incorporou desde o nascimento suas prerrogativas, seja qual for a classe social a que pertença e, ao contrário do que geralmente se crê, mesmo os homossexuais homens usufruem, enquanto homens, privilégios. São discriminados por seu comportamento sexual, mas não há para eles destino pré-traçado ao nascer, nem uma divisão de tarefas, nem uma discriminação econômica, etc. Há sociedades onde a bissexualidade é a norma (os Baruyas da Nova Guiné, os islâmicos de modo geral, os gregos antigos, por exemplo) e no entanto as mulheres aí também não têm acesso representativo aos centros de decisão social.

Não se pode comparar sem fazer inúmeras ressalvas a opressão às mulheres à exercida contra outros grupos minoritários. Nunca houve nem haverá uma sociedade exclusivamente feminina ou masculina, pois os sexos juntos formam uma cultura comum na qual, mesmo havendo uma predominância masculina, o homem vive com a mulher ao lado (na família, na rua, no trabalho) e vice-versa. Ele a exclui segundo seus interesses, mas é um "outro ser" com o qual tem de inter-relacionar-se.

O "separatismo" incriminado refere-se a um afastamento episódico, circunstancial. Ele também não é um revele ao difundido "Clube do Bolinha" pois, ao contrário dos homens, as mulheres quando se reúnem e se organizam não estão usufruindo ou defendendo privilégios nem tampouco o acesso a um poder unilateral. Estão, isto sim, se organizando para "existir" numa sociedade codificada por homens. Pelo fato de homens e mulheres viverem juntos, a alienação das mulheres atua diferentemente daquela de outros grupos sociais; a maior parcela de repressão à sua personalidade não se faz por meios abertamente violentos, mas por uma impregnação desde o nascimento. A luta não se faz na rua, mas nos inconscientes.

As mulheres não têm uma referência histórica anterior à época de sua

opressão. Recentes e esparsas são as investigações a respeito de sociedades não patriarcais onde o relacionamento entre homens e mulheres não era estruturalmente de subordinação feminina. Foram reprimidos, destruídos e emudecidos os hábitos, as tradições e os vestígios dessas culturas (as milharas de "bruxas" condenadas à fogueira, torturadas na Idade Média atestam) ao passo que os negros aqui escravizados, existiam e existem como grupos dominantes em outras nações; os indígenas guardam a memória de sua liberdade e soberania.

Maria Malta Campos afirma que o movimento de mulheres no Brasil já superou a fase necessária de isolamento para criar forças e autodefinir-se, e deve agora abrir-se a outros.

Discordo de seu enfoque, pois o movimento de mulheres, tanto no Brasil como em outros países, está longe de um novo Eu. O momento de incorporação de homens e mulheres frente às lutas gerais não depende das mulheres, mas sim de que os HOMENS (coletivamente) questionem e lutem de seu lado pela radical transformação dos privilégios que usufruem e dos meios de que lançam mão para perpetuá-los (claramente expresso na carta do brasileiro residente no Canadá publicada em Mulherio n° 9).

Para as mulheres existem, de maneira geral, três etapas de luta necessárias e convergentes. As várias formas de luta não se esgotam, e inexistente a pessoa com diploma de "conscientizada" ou de "antiguidade" no feminismo, porque a troca de vivências aguça e amplia sem cessar a sensibilidade.

A primeira etapa é o questionamento das várias formas pelas quais atua em nós a discriminação. As raras "personalidades" femininas sempre repetem a já conhecida frase: "Se eu consegui ser tratada de igual para igual e alcancei sucesso, por que não o fizeram as outras?" O questionamento

de afirmações desse tipo se faz em grupos exclusivos de mulheres. E foi nesses encontros que passamos da admiração pelo romântico destino real de Grace Kelly, menosprezando a interrupção de sua carreira de atriz, à denúncia dos filmes que apontam o papel de esposa — seja de um rei ou de estivador — como a realização máxima para as mulheres.

Esses encontros entre mulheres representam um "espaço" alternativo de repouso e reflexão para os conflitos inevitáveis vividos frente aos homens, que, com maior ou menor consciência, deixam escapar atitudes "machistas", mas com os quais convivemos mantendo vínculos afetivos de toda ordem.

Outra fase de luta para as mulheres é a da denúncia do sexismo nas diversas imagens transmitidas, nas instituições sociais, nos costumes. As mulheres aprenderam com o movimento negro dos Estados Unidos a detectar essas "pontas de iceberg" que são as manifestações culturais racistas ou sexistas.

A terceira etapa é a da produção de novos modelos femininos nas expressões visuais, iconográficas, literárias ou outras. Não constitui estímulo a novos modelos, nem um evento feminista de vanguarda, realizar um Tribunal Bertha Lutz de denúncia dos crimes cometidos contra as mulheres, em que os papéis significativos são assumidos por homens. Homens que nos "compreendem", nos "defendem", nos "outorgam" nossas justas reivindicações, isso não é mudança.

É sim revolucionar a sociedade ou criar novas imagens, questionando as tradições, invertendo papéis tradicionais entre os sexos, exprimindo as mulheres sua percepção da realidade, quebrando o silêncio de séculos.

Como se dá a relação entre os homens e os grupos feministas? O debate está crescendo. No último n° de Mulherio, Maria Malta Campos defendeu o término da atitude separatista do movimento em relação aos homens. Hoje, a escritora Danda Prado expõe opinião contrária.

Danda Prado



Um aprendizado: ser mãe, ser pai.

O feminismo abre novos caminhos no modo de encarar e viver a maternidade. É o que mostra esse artigo, extraído do livro *Nós e nossos filhos* (Ourselves and our children), do Coletivo de Boston para a Saúde das Mulheres, pelo grupo de trabalho "Nós e nossos filhos," de Belo Horizonte.

Uma imagem clássica do feminismo apresenta-o como oposto à maternidade e à vida de família. De onde vem esta impressão? A maioria de nós teve seus filhos antes dos recentes movimentos de mulheres, que traziam em si essa mensagem estimulante e salutar que diz: somos todas pessoas inteiras, e com muitos papéis a desempenhar na sociedade. Quando nossos olhos se abriram, vimos que a instituição opressiva da maternidade numa cultura sexista retinha-nos prisioneiras, afastava-nos da perspectiva de um dia poder realizar-nos plenamente como pessoas. A reação de algumas feministas, especialmente nos Estados Unidos, foi de evitar a maternidade. A mensagem do movimento de mulheres, sobretudo no começo, parecia sugerir que as mulheres casadas e as mães seriam, de certa forma, retrógradas, e muito atrasadas no caminho que levava à liberação. Como consequência, muitas mães e esposas sentiram-se excluídas ou desconsideradas, pela mensagem feminista.

Achamos, de nossa parte, que o feminismo não exclui nem a vida de família nem a maternidade, mas o feminismo quer e deve, modificar ambas. O feminismo quer transformar o velho conceito segundo o qual uma mulher deve sacrificar-se inteiramente a seu marido e filhos, descobrindo-se vazia e deprimida

na idade madura, quando os filhos vivem deixado o lar. O feminismo deve modificar o papel exercido pelos pais homens, chamando-os a participar mais da vida dos filhos e a conviver mais com os companheiros deles. Deve também ampliar nossos conceitos sobre os limites da condição de pais, ajudando-nos a compreender que os homens que têm filhos, porém são celibatários, homossexuais ou que vivem em comunidades são também pais verdadeiros, exatamente como as crianças precisam ter.

Nos grupos de mulheres, descobrimos que poderíamos nos amparar, e "ser mães" umas das outras, o que nos permitiu compreender que o laço maternal e paternal poderia existir entre todo tipo de pessoas, e não apenas numa relação hierárquica de pai (e mais frequentemente de mãe) e filha, ou filho.

O feminismo deve modificar a maneira como educamos e criamos nossos filhos — levando-nos a abrir para nossos garotos o mundo dos sentimentos e da vulnerabilidade e a encorajar em nossas filhas a confiança em si e o espírito de iniciativa.

Claro, o feminismo nos impulsiona a querer mudar nossa vida de família. Para algumas de nós, essa modificação resultou em conflitos conjugais, separação e divórcio. Mas, ao contrário, o que desejamos acima de tudo é um tipo de "mudança dentro da continuidade".

Por outro lado, nossa condição de mães foi importante na formação de nossa consciência feminista. Foi a maternidade que nos fez compreender a necessidade de uma transformação fundamental nas estruturas sociais e políticas. Para a maioria de nós, a maternidade foi a mais decisiva das experiências. Porém, mais do que isso, ser mãe ensinou-nos o que chamaríamos de tolerância. Acontece, por exemplo, que juramos, quando adolescentes, jamais fazer as coisas odiosas que nossos pais faziam conosco e agora nos surpreendemos em flagrante fazendo exatamente a mesma coisa: gritando, ou não escutando, sendo arbitrários ou mães que fazem os seus filhos sentirem culpados.

Uma outra desilusão foi a de perceber que, apesar de nosso propósito de educar nossos filhos de modo não sexista, não conseguimos nos livrar de nossas raízes sexistas — tão profundamente enraizadas que apareciam insidiosamente e nos faziam tratar de modo diferente nossos filhos e nossas filhas. Ou, pior que isso, víamos nossa filha por escolha dela, rejeitar carrinhos e caminhões para lidar com roupas bonitas, enquanto nosso filho renunciava ao companheirismo das meninas porque "não queria ser mais tarde um fresco". Essas coisas foram nos ensinando que a mudança só ocorre com o tempo, que as pessoas são humanas e que nossos filhos são o que são, e não aquilo que gostaríamos que fossem.

É esta tolerância que nos impede de apresentar um ideal, um "modelo" pelo qual as mães e pais devam-se guiar. O aspecto mais chocante do discurso feminista norte-americano no final da década de 60 foi, provavelmente, seu enorme dogmatismo. Se você não se conformasse a certas normas, você era uma mulher atrasada, não esclarecida e não liberada.

É claro que queremos encorajar novas possibilidades no exercício da parceria e maternidade — partilha de papéis, abertura para formas familiares não tradicionais, uma certa reflexão sobre o que fazemos, um equilíbrio entre o trabalho fora de casa e dentro de casa — mas não queremos transformar essas idéias numa nova forma, em contraste com a qual os pais e mães poderão medir-se.

A idéia falsa que circula sobre o feminismo e a condição da maternidade refere-se ao relacionamento com os homens. Algumas feministas, dentre as mais radicais, só consideraram os homens

como parte da classe global dos oprimidos. É verdade que, tentando combater a limitação imposta pela imagem estereotipada de maternidade, as mulheres precisarão combater empregadores, legisladores, juízes e até mesmo psiquiatras, cuja maior parte de profissionais é composta por homens. Também, entre os opressores, encontram-se pais: pais que consideram que todo o trabalho da casa é tarefa de mulher, que a educação das crianças é tarefa da mãe, mesmo quando a mulher trabalha fora de casa; pais que, depois do divórcio, recusam-se a pagar a pensão alimentícia de seus filhos e raramente vêm vê-los; pais que extravazam sua agressividade em cima da mulher e dos filhos, usando violência. Condenamos tais atitudes destrutivas, mas também levamos em consideração que os homens, tanto quanto nós, são seres humanos complexos, sujeitos, em parte, às mesmas angústias. Nossos filhos são também filhos deles, mesmo se não vivemos juntos. E temos experiência de pais que estão presentes na vida de seus filhos e se ocupam deles com atenção e amor. A imagem de feminismo que mais nos encanta é aquela que se funda na reciprocidade.

Na realidade, e em parte por causa do movimento de mulheres, um crescente número de pais estão repensando seu papel e colocando para eles mesmos questões análogas às nossas:

Como a imagem tipo "pai-que-sabe-tudo" pode mutilar minha própria experiência?

Que preço devo pagar pelo fato de ser o único "arrimo-de-família" em casa (o único a sustentar a casa)?

E de partilhar tão pouco a vida cotidiana de meus filhos? Não terá ficado aí uma parte perdida de mim, da qual posso me reapropriar?

Não teria coisas a aprender sobre eu mesmo, abrindo-me mais para a paternidade?

O grupo "Nós e nossos filhos" é composto por Flor, Patrícia Carvalho, Regina Carneiro e Virginia Pinheiro. Elas querem entrar em contato com pessoas que tiverem trabalhos sobre maternidade relacionados à legislação, psicologia, feminismo e empregadas domésticas, através do seguinte endereço: Rua Gonçalves Dias, 1.354/503, Belo Horizonte, MG, CEP 30.000.



Reinventando o amor



Condicionadas a esperar um príncipe encantado que na convivência diária transforma-se em sapo, nós mulheres devemos repensar o casamento, o amor. É o que diz, neste artigo, uma leitora de Campinas.

Leitora bissecta do Mulherio, já que é difícil encontrá-lo por aqui, considero um elo importante de contato entre as mulheres (organizadas ou não) e um porta-voz daquilo que queremos expressar, daquilo que anda nas bocas, nas nossas bocas. É com essa intenção que estou mandando para vocês um pequeno texto onde inicio uma discussão a respeito do amor e do casamento. É uma tentativa também de romper com as discussões acadêmicas, onde os temas devam ser tratados com rigor científico, para adquirirem uma suposta seriedade. Não tem rigor, não tem distanciamento, porque é fruto de experiências muito próximas: este texto foi escrito com os erros de pressa e com a precisão da emoção.

Nenhuma mulher disse que era preciso reinventar o amor, mas foi Rimbaud, um poeta. A nós mulheres cabe talvez reinventar o amor não na poesia, mas na sua dimensão mais concreta, nos escaninhos do cotidiano. E isto significa romper com a alternativa anuladora do casamento convencional — o consórcio do tédio e da mesmice, o grande bocejo — ou então a atomização do indivíduo, através da solidão involuntária, ou das experiências superficiais, esporádicas, meras explosões fisiológicas.

Tudo o que o homem criou foi fruto da imaginação coletiva e do conhecimento sistematizado, produzido dentro de um contexto histórico. Isto não é um dogma, mas um ponto de partida importante. Se quisermos entender como as relações amorosas existem no nosso tempo, é preciso pensar que vivemos numa sociedade violenta, predatória, competitiva, anuladora das potencialidades individuais, que instaura o novo apenas para reforçar estes valores.

A "crise" do casamento monogâ-

mico indissolúvel, assumido principalmente pelas gerações mais jovens, aponta para caminhos ainda dúbios, buscando muitas vezes o reverso do casamento fechado, sem colocar uma alternativa mais criadora, onde as pessoas não se anulem enquanto indivíduos.

Durante muito tempo, depois de desacreditar das estórias de amor dos contos de fada, nós sonhamos em ter um "casamento" como o da Simone e do Sartre que nunca-moraram-sob-o-mesmo-teto, a opção mais vulgar, mas viveram mais de 50 anos juntos. Sonhos juvenis. Além de não sermos Simone nem Sartre, na verdade eles nunca viveram o conflito, muitas vezes criativo e muitas vezes destruidor, da chamada guerra conjugal. E viver este conflito com intensidade é que nos permite pensar a sua superação. Quando casamos deixamos de ser inteiros, temos uma "cara-metade" como diz a sabedoria popular ou "nessa fase do amor em que se é um, é que perdemos a metade cada um", como canta Fátima Guedes em *Condenados*.

O cinema, depois da vida real, foi o que melhor retratou os meandros conjugais. A *nouvelle vague* foi também um grande travelling sobre as relações homem-mulher, com Truffaut e Godard, principalmente.

No início dos 70 assistíamos a Bob, Carol, Ted and Alice, uma sátira às soluções medíocres que os casais de classe média americana encontravam para o tédio do casamento. Bergman em *A hora do amor* e no excelente *Cenas de um casamento*, além de outros, expressou com riqueza de detalhes as experiências amorosas institucionalizadas ou não.

Enfim, o cinema formou um grande painel que refletia as nossas angústias, as buscas e os questionamentos que vivíamos com intensidade.

A televisão brasileira, nos seus me-

lhores momentos, mergulhou na intimidade dos casais e nas vicissitudes amorosas, que considerando os níveis de audiência e de impacto, era também a realidade de uma parcela significativa da classe média.

Isto tudo significa que já não possuímos mais a expectativa irreal, ingênua do forever. É o momento em que nos despojamos das soluções convencionais — porque não nos satisfazem — e vamos à procura de outros caminhos. Mas que caminhos são estes?

A ideologia da obsolescência, a sociedade vivida como um imenso supermercado (onde o velho deve ser trocado pelo novo) e a sexualidade entendida como a genitalidade, a intolerância com todas as formas de relações que não estejam dentro dos padrões considerados "normais" (ou seja, normal é tudo o que possibilita a procriação) enfim, esses valores dominantes em nosso tempo apontam para outros aprisionamentos e não para a sua superação.

Então, como reinventar o amor?

Ardua tarefa, que num primeiro momento cabe a nós, mulheres, pensá-la, já que durante muito tempo fomos criadoras (das fantasias) e criaturas (do real) dessa tal diáde amorosa. Desde cedo somos condicionadas para o casamento para esperar o nosso príncipe encantado, que, quando aparece, no convívio rotineiro, se transforma em sapo.

E já que estamos sacudindo a poeira e falando alto pelos botecos, temos de repensar o casamento e reinventar o amor sem aprisionamentos: a imaginação e o lúdico no cotidiano talvez sejam um começo.

Bia Guimarães, Campinas-SP

Há dois anos tramita na Câmara Federal um projeto de lei de autoria do deputado João Pacheco e Chaves (PMDB-SP), que dá às donas-de-casa o direito de se inscreverem na Previdência Social como qualquer outro trabalhador. Para receber os "benefícios" da Previdência (um atendimento médico precário, como todos nós conhecemos, e posteriormente a aposentadoria), a dona-de-casa deve contribuir mensalmente para o INPS, recolhendo 16% do montante de um salário que ela mesma fixará, dentro da faixa de um a cinco salários mínimos. O projeto não obriga a filiação, deixando-a a critério da própria dona-de-casa, que é definida como toda pessoa de sexo feminino que não exerça qualquer atividade remunerada fora do lar. Outro projeto semelhante, embora mais genérico, foi apresentado ao Senado ainda este ano pelo senador Orestes Quércia (PMDB-SP).

Se aprovados, esses projetos representarão um benefício real às donas-de-casa? As opiniões de mulheres ligadas a grupos organizados se dividem a esse respeito.

A jornalista Iredé Cardoso, da Frente de Mulheres Feministas, tem feito uma ampla campanha pela aprovação dos projetos. "A aposentadoria vai conscientizar muita gente da importância real de um trabalho que é exercido por 60% da população feminina economicamente ativa. Não podemos ser cruéis com essas mulheres e simplesmente esperar que elas tomem seu espaço no mercado de trabalho, o que, sabemos, é muito difícil", diz Iredé. Ela acha que o direito à aposentadoria é fundamental para começar a mudar a idéia de que o trabalho doméstico "é uma coisa natural, uma missão que se cumpre por amor".

Maria do Carmo Pavão, presidente da Associação das Donas-de-Casa de São Paulo, uma entidade que reúne mulheres de classe média, também acha que o projeto de aposentadoria é imprescindível, e aconselha as mulheres a se unirem e lutarem por sua aprovação. Ela propõe algumas alterações que estenderiam o direito de filiação às filhas menores que cuidam da casa para a mãe poder trabalhar fora, pois considera que essas meninas exercem, efetivamente, funções de donas-de-casa.

Ainda dependentes

A advogada Florisa Verucci acha o projeto bom, mesmo considerando que muitas das donas-de-casa já têm direito aos benefícios da Previdência Social como dependentes do marido. "Deve-se levar em conta" — diz a advogada — "que os casamentos hoje em dia são muito instáveis, e no caso de uma separação legal a mulher perde os direitos à dependência, e, portanto, quando seu marido morrer, ela não terá nenhuma garantia para sua velhice. Mesmo quando não há separação, o que uma viúva recebe é apenas uma porcentagem da aposentadoria do marido, o que costuma ser uma miséria."

A argumentação de Florisa é interessante, mas levanta uma questão: para ser considerada dona-de-casa e, portanto, ter direito à inscrição na Previdência, a mulher não pode ter atividades remuneradas. Portanto, sua contribuição mensal virá do salário do marido ou de um filho que já trabalhe, o que faz com que ela continue dependente. Seriam, então, duas aposentadorias pagas pelo marido.

Repousa, leoa

Um deputado e um senador apresentaram ao Congresso projetos que permitem a aposentadoria da dona-de-casa. Essa medida significa um benefício real ou apenas institucionaliza uma função que deve ser dividida entre homens e mulheres?

É justamente a dependência do marido para o pagamento da contribuição que motiva várias mulheres a manifestarem-se contra o projeto. Aparecida Pedra Kopcak, presidente de outra Associação das Donas-de-casa (mais ligada a mulheres da periferia), é radicalmente contra a aposentadoria. "O que se deve fazer é acabar com o trabalho de dona-de-casa e lutar para termos lavanderias coletivas, restaurantes coletivos, creches, etc., para que a mulher possa finalmente sair de casa e fazer outras coisas", diz Kopcak.

Para ela e outras militantes feministas, a permissão da aposentadoria acabará por legitimar a situação da mulher como dona-de-casa, quando se sabe que a atividade remunerada fora do lar é condição necessária, embora não suficiente, para a libertação da mulher. Segundo elas, a atividade doméstica deve ser dividida igualmente entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que se pressiona o Estado para socializar algumas das tarefas domésticas, com a criação dos restaurantes coletivos e a multiplicação das creches públicas.

Mas a discussão não é tão simples. A socióloga Felícia Madeira não tem uma posição firmada a respeito do projeto, ponderando:

"O projeto de aposentadoria não deixa de ser um tipo de remuneração ao trabalho da dona-de-casa. A única diferença é que remunera no fim da vida. Portanto, pode ser considerado um incentivo. Neste sentido, eu sou contra. Mas, pensando nas milhares de mulheres que trabalham de manhã à noite, todos os dias, e ficam a descoberto no fim de sua vida, e pensando que a nossa situação no mercado de trabalho não se vai resolver rapidamente, fico em dúvida".

Contrárias ou favoráveis à aposentadoria, não podemos esquecer as oposições que podem surgir à aprovação do projeto baseadas na atual crise da Previdência Social. Mas, de qualquer maneira, diz a advogada Florisa Verucci, esses argumentos não podem ser levados em conta. Em primeiro lugar porque, sendo já as donas-de-casa dependentes por parte do marido, a sua inscrição como uma nova categoria só vai fazer entrar dinheiro para os cofres da Previdência; e em segundo lugar porque as donas-de-casa não são culpadas por essa crise, que deve ser resolvida em função do trabalhador e não contra ele.

Wanda Nestlehner



O movimento feminista conseguiu já um espaço dentro da sociedade brasileira, em particular no momento eleitoral. Vários candidatos incorporaram, em seus programas, uma série de ações voltadas para a melhoria da situação da mulher e alguns chegaram a avançar sobre os mecanismos que seriam adotados para efetivar essa ação. Falou-se na criação de Secretaria de Assuntos da Mulher, enquanto as mulheres do PMDB de São Paulo, por exemplo, propuseram a criação de um Conselho da Condição Feminina, que seria um órgão de ligação entre as várias secretarias estaduais para o atendimento de reivindicações dos movimentos organizados.

Como será a relação entre os movimentos feministas e o Estado? Como garantir a autonomia do movimento? Quais são as formas de organização dentro do governo, de maneira a que as reivindicações feministas sejam atendidas? Para discutir essas questões, Mulherio promoveu no início de outubro uma mesa-redonda com a participação de Eva Alterman Blay e Carmen Barroso, do PMDB; Elizabeth Souza Lobo e Bárbara Hartz, do PT; e Ana Luiza Viana, do PDT, todas de São Paulo.

Beth — Uma série de questões já vem sendo discutida pelo movimento. Por exemplo, dentro do movimento feminista talvez o SOS seja a experiência mais "nacional". Se todos os partidos incluem no programa a questão da violência contra a mulher, como se resolverá a relação do Estado com os SOS? Uma série de problemas está ligada à questão de legislação, e aí passaria pelo Parlamento. Por outro lado, na medida em que as mulheres enquanto movimento já geraram formas próprias de enfrentar o problema da violência criando o SOS, as instâncias próprias das mulheres devem ser reconhecidas pelo Estado. De que forma? A maioria dos países europeus, por exemplo, resolve a questão financiando, através das prefeituras, as casas de SOS. Neste caso, o Estado não interfere na autonomia, pois a gestão das casas mantém-se nas mãos das mulheres que trabalham no SOS.

Bárbara

"Não adianta o movimento de mulheres ir galgando postos dentro do Estado, porque, considerando o machismo que existe, teríamos que ter uma maioria."

Carmen — Esse apoio financeiro pode ter dimensões variáveis podendo ir desde uma verbinha simbólica até dar condições reais para as mulheres criarem seus SOSs. Isso vai depender evidentemente da força das mulheres dentro do governo. Agora, vocês acham que a criação de um órgão central, como uma secretaria, é politicamente interessante? Ou é dispensável?

Ana Luiza — Na medida em que esses governos estaduais de oposição vão ser uma realidade, a gente tem que começar a discutir a nossa relação

Um lugar no governo

Em março, a oposição assume o governo em alguns dos principais Estados do país, com um programa de ação que inclui, em muitos casos, maior atenção aos problemas da mulher. Como o movimento de mulheres vai se relacionar com esses governos?

com o Estado. Nesta última fase do capitalismo o Estado é um ser todo poderoso que, de certa forma, atravessa todos os movimentos sociais. Ora, no Brasil a relação é muito pobre entre Estado, partidos e movimentos sociais. Você fica em duas posições extremas: aqueles que defendem a incorporação pura e simples das reivindicações pelo Estado, como se ele fosse resolver tudo, e os que simplesmente se negam a chegar no Estado.

Bárbara — Eu acho que não adianta o movimento de mulheres ir galgando postos dentro do Estado, ir conseguindo a máquina do Estado, ir considerando o machismo que existe, teríamos de ter uma maioria dentro do governo para garantir que as reivindicações feministas levantadas sejam de fato atendidas. Acho que aí tem de se estabelecer um mecanismo que inclua uma autonomia, uma independência em relação ao Estado.

Eva — O Estado está aí para ser usado dentro de determinados programas, com certas perspectivas e através de uma luta, porque dar, ninguém vai dar nada. Então eu acho que quando a gente faz uma proposta concreta como um Conselho da Condição Feminina, está por trás disso usar mesmo esse aparelho de Estado e mobilizá-lo dentro dos nossos interesses. Garantir a autonomia? Isso é um processo permanente. Garantir os SOS? A questão da violência é só uma faceta do problema da mulher que é muito mais amplo, incluindo outros pontos fundamentais que têm de ficar articulados entre si e têm de entrar em um programa partidário. Então o mínimo para começar é ter esse programa articulado.

Beth — A questão dos SOS, para mim é fundamental porque é por aí realmente que eu faço a crítica ao programa do PMDB. Se a Ana Luiza está preocupada com o Estado, eu estou preocupada em garantir efetivamente a iniciativa do social, que significa, por exemplo, sindicatos autônomos. Não acho que a política feminista se reduza à questão da violência, mas acho que, existindo os SOSs, toda proposta que respeite os movimentos e que lhes dê espaço tem que legitimar a existência dos SOSs. E na proposta do PMDB isso aparece como se o Estado, num determinado momento, fosse tomar as iniciativas.

Carmen — No programa do PMDB está escrito "criar órgãos especializados em assistir às mulheres". Você

dever ter "invocado" com a palavra criar. Eu conheço esse documento, participei de sua elaboração e sei que houve uma discussão sobre os SOSs, para que eles fossem incentivados. Mas eu queria discutir sob um outro ângulo a questão do respeito às reivindicações das mulheres. Como se pode conseguir incorporar essas reivindicações de uma forma democrática? Sob essa ótica, como é que o movimento feminista se fez representar nesse Estado para que suas reivindicações sejam atendidas? O que o PT propõe?

Beth — A gente não pode pretender um partido que seja uma espécie de departamento de movimentos e um Estado que seja um Estado corporativo. Dentro do PT, pensamos na criação no Estado de uma comissão que canalizasse as pressões do movimento, mas não pretenda ser uma representação de entidades do movimento de mulheres. Deve haver uma articulação dessa comissão com as instâncias do movimento, de forma que ela não seja uma criação exterior ao movimento. A questão crucial é saber se é possível uma forma mais democrática de representatividade nas condições em que nós vivemos. Por exemplo: como seriam indicadas essas pessoas que vão trabalhar no Estado? Acho muito difícil, e até muito perigoso, pensar numa representação de entidades dentro do Estado. Isso representaria, de certa forma, a ruptura da autonomia.

Eva — Concordo inteiramente que esse perigo existe, e nós estamos quebrando a cabeça pra encontrar os caminhos de fazer com que a sociedade civil se represente através dos grupos organizados. E é nessa hora que as feministas têm de se unir, independentemente dos partidos, porque, quando se pensou dentro do PMDB um programa relacionado com as mulheres, nunca se cogitou das diferenças, do ponto de vista ideológico, entre os partidos.

Bárbara — A diferença que a gente tem em relação ao Conselho da Condição Feminina da forma com o PMDB propõe é que vocês remetem o Conselho pro Estado, e eu acho que isso não resolve. Quem deve definir o que é prioritário — se é creches, SOS, etc — é o movimento de mulheres e essa separação tem que existir.

Carmen — Vocês estão preocupadas se vamos ser cooptadas ou controladas. Mas o perigo é outro: é sermos ignoradas, ser criada uma secretaria



Hugo Lenzi

Eva

"O Estado está aí para ser usado em determinados programas, com certas perspectivas, e através de uma luta, porque dar, ninguém vai dar nada."

assistencialista qualquer que vai cuidar das necessidades mais tradicionais, com a visão mais quadrada possível, e o movimento ser completamente marginalizado.

Beth — As questões de trabalho, de profissionalização das mulheres, as questões de construção e gestão das creches, a questão da política de saúde em relação às mulheres, estas são problemas que são sempre postos em segundo plano. E isso ocorre não porque a crise econômica impede de pensá-los, muito pelo contrário, eles estão articulados com a própria crise econômica. Devemos mudar um pouco o foco da discussão e ver quais as questões fundamentais com que o Estado tem que se ocupar, porque aí se colocam alguns problemas. Concordo que não podemos ficar só em instâncias alternativas sem ligações com o Estado. Mas como é que se situa, por exemplo, a questão da contracepção? Será que a gente vai conseguir que isso se resolva só pelo Estado, será que ele irá avançar tanto quanto avançam as mulheres? Aí fica visível a importância central da ação das mulheres para encaminhar uma política que corresponde a seus anseios.

Eva — A idéia do Conselho é justamente constituir um órgão que possa não só receber todos os programas das diferentes secretarias — relacionados a educação, emprego, etc — mas coordenar ao nível dos interesses da mulher e fazer uma contraproposta no sentido de intervenção. Beth, eu gostaria de saber quais são as propostas mais concretas que se tem dentro do PT para fazer com que o movimento feminista seja de fato ouvido.

Beth — A primeira questão é exatamente o exemplo já usado aqui de como se legitimam os espaços do movimento, considerando que uma ajuda não significa a gestão desses espaços. Agora, temos muita preocupação de que o partido não elaborasse um programa acabado. Ao partido cabe dar ressonância às propostas do movimento e remetê-los ao movimento também numa perspectiva de articular políticas.

Carmem — Acho que você tem toda razão. Mas essa questão de não



Hugo Lenzi

Carmem

"O perigo é sermos ignoradas, ser criada uma secretaria assistencialista qualquer que vai cuidar das nossas necessidades mais tradicionais."

tentar avançar e apenas dar ressonância deve ser bem analisada. O movimento já amadureceu uma série de reivindicações importantes, mas ouvi muitas vezes que o aborto não é uma reivindicação das mulheres das classes trabalhadoras e que portanto devemos aguardar pra ver se aparece como tal.

Beth — Claro, a pura sistematização pelos partidos das reivindicações do movimento é atrasada, e no caso do aborto é certo. No próprio PT percebe-se esse descompasso. Isso é inevitável, pois dentro do partido existem tendências diferentes e ocorre sempre essa média. Daí a importância do movimento. A representação do movimento no partido não é uma representação total e a gente tem que romper com essa idéia de que as candidatas representam o movimento. Não, são candidatas ligadas, mas não são representantes.

Carmem — Que um partido não assuma todas as reivindicações do movimento, tudo bem, é uma média. Mas acho uma loucura existirem algumas candidatas que, apesar de não representarem o movimento, saíam do movimento e, portanto, após algumas reivindicações (como a legalização do aborto) mas afirmam este apoio enquanto candidatas.

Eva — Pessoalmente vejo a proposta de composição do Conselho, que está parcialmente definida, como um avanço nesta discussão sobre a relação entre o Estado e os movimentos sociais: nesta proposta prevêem-se, de um lado, uma representação ao nível do Estado (Secretarias e demais órgãos de decisão) e de outro também está se pensando no modo de incorporar os vários setores da sociedade civil, principalmente o movimento feminista. Agora, a forma como o movimento feminista vai querer ser incorporado depende dele e é uma resolução que tem que ser tomada rapidíssimo, pois se a gente conseguir esse conselho a autonomia do movimento dependerá dessa decisão.

Ana Luiza — O conselho seria uma alternativa à Secretaria, com as vantagens de não ter os vícios da secretaria



Hugo Lenzi

Beth

"É muito perigoso pensar numa representação de entidades de mulheres dentro do Estado. Isso seria, de certa forma, a ruptura de nossa autonomia."

e poder abarcar uma fatia da sociedade civil. Mas ele pode sair um desastre. Uma Secretaria tem uma ligação formal, consta do orçamento público, um tanto das verbas todo ano tem que ir para ela. E o Conselho, que garantia orçamentária teria?

Eva — Ele tem exatamente, dentro da estrutura do Estado, a mesma possibilidade de ter um orçamento programa, com a vantagem de poder se articular com mais de uma Secretaria.

Ana Luiza — Quem vai definir a participação desse Conselho dentro do orçamento total? Essa é uma pergunta fundamental. O que dá força à sua participação é a definição do seu quanto no orçamento, quem fala mais alto é quem tem o maior orçamento programa. Quais são os mecanismos que vão decidir qual é a cota de participação desse Conselho dentro do orçamento programa?

Eva — Você tem alguma idéia de como resolver esse problema? Você não quer vir ajudar?

Ana Luiza

"Uma Secretaria consta do orçamento público, tem uma ligação formal. E o Conselho, que garantia orçamentária ele teria?"



Ev Mendes Jr. Ag. F. 4



Durante dez dias, no início de setembro, cerca de 10 mil mulheres circularam em São Paulo pelo I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, promovido pelo Teatro Ruth Escobar com apoio da Revista Nova. Foi, sem dúvida, uma grande amostragem da produção artística feminina nos mais variados campos, entremeada por manifestações, conferências e debates, com a participação de várias estrangeiras, como a italiana Dacia Maraini, a boliviana Domitila Chungaro, a argentina Mercedes Sosa, as norte-americanas Kate Millet e Ellen Stuart, as francesas Antoinette Fouque e Annie Girardot e as portuguesas Isabel Barreno e Natalia Correa. Mulherio publicará, aos poucos, matérias sobre o que foi mostrado no Festival, sobre a participação da mulher nos vários campos artísticos. Neste número, um artigo da artista plástica Anésia Pacheco e Chaves sobre a existência ou não de uma linguagem feminina na arte, uma matéria sobre música e uma entrevista com Domitila Chungaro.

Arte feminina?

Parece que perguntaram ao escritor espanhol Jorge Serprún o que ele tinha a dizer sobre o Brasil e ele respondeu apenas que não entende nada do Brasil. Eu estaria tentada a dizer o mesmo sobre a questão da existência ou não de uma linguagem feminina na arte, tal a complexidade do problema.

No fim do século passado e no começo deste acreditava-se na existência de características de origem biológica que determinavam a criação artística do homem e aquela da mulher. Homem-forte, criativo, agressivo, etc. Arte, idem. Mulher-sensível, delicada, psicologicamente sutil, afetiva, etc. Arte, idem.

Agora, temos uma tendência que continua a acreditar na mesma coisa. Outra pensa a arte como algo transcendental, pairando acima das contingências existenciais de classe, raça, sexo, etc. (Assim, arte não teria sexo e a produção de homens e mulheres não poderia ser diferenciada.) Uma terceira corrente, influenciada pela psicanálise junguiana, acredita num simbólico masculino-animus e num simbólico feminino-anima, que nem sempre corresponde ao sexo propriamente dito.

A escritora francesa Monique Schneider diz que a sociedade, tendo-se desenvolvido num sentido racionalista, pragmático e objetivo e o homem dominando a mulher num longo e complexo processo histórico, atribui à mulher as características que pretendia manter sob controle no desenvolver de sua civilização.

Onde ficamos?

Não é fácil responder. A crítica argentina Marta Traba diz que só agora começamos a ter textos teóricos sobre a criação feminina. Isso dificulta a localização do espaço do que seria uma criação feminina ou, como preferimos, do "feminino", já que muitas mulheres imitam a criação masculina, não cabendo portanto na categoria de artistas femininas. Acredito que arte não é algo transcendente, pairando acima das contingências existenciais e o artista não é um ser eleito encarregado de levar a verdade aos incautos. Pelo contrário, aquilo que chamamos arte nada mais é do que uma das formas de relação que temos com nossa circunstância e nosso próximo. É a maneira como vemos e como nossa cultura vê o mundo. Arte, portanto, acontece em contexto histórico, econômico, social, de classe e de dominação.

Para mim, não é possível pensar a criação artística da mulher sem pensar ao mesmo tempo a situação de dominação em que esta se dá. É muito diferente criar a partir do poder, de um domínio cultural e

criar sob dominação, tendo que optar entre copiar a produção dominante, institucionalizada como aquela possuidora de valor, e ver seu trabalho socialmente desprestigiado e considerado menor.

A produção artística das mulheres quase sempre é diluída na aceitação de valores e critérios de arte que não seriam os seus. É claro que existem exceções e momentos de exceção, mas são exceções.

Talvez a característica principal da arte criada por mulheres seja essa situação de dominação. Por outro lado, há o aspecto da transgressão. Uma produção que carrega a atribuição de tudo o que é desvalorizado pela cultura dominante se coloca como transgressão dessa cultura, como o negativo dela e aponta outras possibilidades, desprestigiadas mas existentes. Se essa transgressão irá transformar-se em subversão consciente da arte estabelecida e portanto em arte revolucionária é o que veremos. O feminino parece apontar nesta direção.

Há um último ponto que me parece importante, embora seja meio complicado de explicar. Nós vivemos numa cultura da plena identidade e das identificações. A mulher nessa cultura tem uma identidade, atribuída por outro, mas tem. Ela é enquadrada num modelo sexual.

As primeiras reivindicações feministas foram no sentido de afirmar uma outra identidade para a mulher, fosse esta a total igualdade com o homem ou a defesa de uma identidade própria da mulher, específica, com características próprias tomadas a partir de um simbólico, de uma condição existencial, etc...

Pergunto: isso não será apenas reforçar essa cultura da plena identidade, essa cultura do convexo, da afirmação, da agressão, essa cultura fálica, masculina? Não esquecer que o falus é em muitas culturas aquilo que significa o "Ego", a Identidade.

Eu seria tentada a propor, e hoje uma parte do pensamento feminista está nesta linha, que pensemos no desmontar das identidades dadas, no vazio, no cômico, naquilo que, partindo do não ser, da não aceitação do ser social imposto, em vez de reivindicar uma outra identidade fixa, apenas se apresente como possível, como possibilidade de criação. Nem homem, nem mulher, pré-determinados, apenas o existir como invenção e liberdade...

Anésia Pacheco e Chaves



A musa desperta e pega na viola

O 1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes começou e terminou com música. E muito bem. O setor de música, coordenado por Maria Moraes, foi uma espécie de carro-chefe deste Festival. Já o show de abertura, com nomes como As Frenéticas, Clementina de Jesus, Célia e a maravilhosa Mercedes Sosa, foi um acontecimento especial. Além disso, durante os dez dias do Festival, uma série de eventos musicais tomaram lugar na cidade de São Paulo, numa fértil mostra da criação feminina, terminando com um animado show de Isaurinha Garcia. Destaque especial para os espetáculos diários intitulados "Salada Feminina", onde desfilaram artistas como Joyce, Lucia Turnbull, Luli e Lucinha, Maricene Costa, Rosa Passos, Tereza Cida e outras. Certamente faltaram muitos nomes para que se pudesse compor um panorama feminino da MPB, mas talvez justamente isso tenha permitido o aparecimento de novos talentos.

De toda forma, o maior acontecimento foi, sem dúvida, o Festival Feminino da Canção, que recebeu mais de duzentas inscrições de compositoras de todo o País. Não se pode dizer que o Festival tenha enfim relevado a tão decantada "linguagem feminina", ou mesmo ainda um "som da mulher". Não, o que pudemos ouvir ali foi uma amostra da criação artística feminina, ou ainda aquilo que determinadas mulheres captaram sensivelmente a partir de seu cotidiano, de suas diversas experiências individuais, ainda que se trate de uma geração claramente influenciada pelo movimento feminista. Mas a grande novidade do festival foi o fato de ter colocado as mulheres em primeiro plano, transformando-as em verdadeiras "donas do espetáculo". Pois, até pouco tempo, em matéria de música, a mulher só era musa inspiradora...

Na verdade, toda expressão feminina que seja pública é sempre algo novo, pois sempre foram interditados às mulheres os canais de comunicação: a nós sempre foi vedado o grito, a palavra em voz alta... Nos anos 60, Gal Costa prenunciava em "Mamãe Coragem": "não adianta, eu tenho um beijo preso na garganta, eu tenho um jeito de quem não se espanta, eu tenho corações fora do peito"... Pois é, finalmente chegou a hora de soltarmos nossos beijos e nossos gritos contidos, e por isso é que um Festival Feminino da Canção torna-se um evento da maior importância.

É claro que não poderíamos esperar desta primeira iniciativa invocações fantásticas: o que tivemos foi um desfile de composições relativamente convencionais, sem grandes incursões vanguardistas, e ainda bastante influenciadas pelo som dos anos 60 e 70. Um festival com canções, rocks, músicas regionais e chorinhos, mas nada comparado à irreverência de um Arrigo Barnabé, à nova sonoridade de uma Tetê Espindola, à proposta de um grupo Rumo ou tantos outros que revolucionam hoje a nossa MPB.

Palavra de ordem: buscar

Nas doze músicas classificadas para a finalíssima, um tema constante: a busca. A começar pela primeira colocada, "Meias Partes", de Irenéa Maria e Suely Corrêa e interpretada por Clarisse Grova, que diz:
"Somos duas meias partes
De um mesmo inteiro
Quando juntas somos feras
Quando sós cordeiros
Somos duas meias partes
De um mesmo inteiro"

Aqui a busca da integridade, do ser por inteiro, que pode ser interpretada tanto como a união de dois amantes como a porção feminina e masculina que cada um de nós tem em si, tema tão bem trabalhado por Gilberto Gil em "Super-homem".

Em "Demasiado Blue", segunda colocada, com letra de Fernando de Oliveira e música da baiana Rosa Pas-

sos, a busca se desloca para a fantasia, são "lembranças de uma terra imaginária":

"Recordo Macaíba e Caicó,
São Paulo, Itapetinga, Madureira
E Londres fria e triste como só
nuns versos de um poema de Bandeira"

Ainda nessa linha, "Pássaro", de Thereza Tinoco e Rosa Guerrero, interpretada por Sílvia Maria:

"Ontem eu sonhei que era um pássaro, pássaro, pássaro
E vivia a brincar no azul, azul
Ontem eu sonhei que eu era mais feliz

A voar e pousar, sem buscar o porquê"

Também a música "Infância", de Priscilla Barrak, busca recriar o espaço interior onde coexistem a mulher e a criança, procurando recompor a pessoa inteira, reunir fragmentos.

A única a tratar um tema eminentemente-feminino, "Mariana", de Flávia de Queirós Lima, canta o amor maternal de forma poética: "É tão bonito ver teu sono, Mariana Nem percebo que amanhece E eu adormeço a te embalar"

Um destaque interessante nas finalistas foram as duas músicas, ambas rock, que revelam o humor feminino, como a terceira colocada, "Barriga Vazia", de autoria de Sandra Péra (uma das Frenéticas), que trata de um tema bastante oportuno neste Brasil de inflações e desempregos. E ela diz: "Pro lado do rock a grana não pinta Eu não canto só por hobby Isso é um toque Eu também estou faminta"

Tomado como um conjunto de expressões femininas, o festival comprovou aquilo que já começávamos a perceber no final dos anos 70: a mulher não precisa necessariamente se expressar apenas através do canto com seu poder recriador. O ato da criação já não é mais privilégio dos homens...

Eliane Robert de Moraes

Pequena, os cabelos compridos de índia presos atrás, o rosto aparentando bem menos do que seus 46 anos, o corpo muito mais, a boliviana Domitila Chungara foi uma das presenças mais fortes do Festival Nacional de Mulheres nas Artes. Sua grande preocupação, a todo momento, é divulgar a luta de seu povo — e foi para isso que ela percorreu a periferia de São Paulo e várias outras cidades, depois do Festival, promovendo debates e seminários.

Domitila tornou-se conhecida internacionalmente como uma das líderes do Comitê de Donas-de-Casa da Bolívia, formado pelas mulheres dos mineiros. Com mais três mulheres, fez uma greve de fome em 1977 em seu país, que resultou então no fim da ditadura dos militares. Em 1980, o golpe de Estado do general Garcia Meza obrigou-a a exilar-se na Suécia, onde vive hoje com os sete filhos, de 6 a 24 anos de idade, e com o marido. Em dezembro ela pretende voltar a morar na Bolívia. A história de sua vida foi por ela própria contada no livro *Se me deixam islar, escrito pela socióloga brasileira Moema Viezzer, já na 6ª edição no Brasil e traduzido em 11 idiomas.*

Nesta entrevista a Helena Salem Domitila nos fala, como não poderia deixar de ser em se tratando dela, da luta dos bolivianos, mas particularmente das mulheres, revelando seus pontos de vista, suas contradições, e, sobretudo, sua imensa força de mulher combatente.

O que você está fazendo agora, Domitila?

Depois do golpe de 1980 na Bolívia, em função do qual me exiliei, empenhei-me na tarefa de denunciar a realidade do povo boliviano. Procuro desenvolver uma maior compreensão em relação à luta do meu povo, buscar maior solidariedade.

Você acredita na atual abertura democrática?

Creio que a esperança de todo o povo boliviano é que se consolide um governo democrático. A situação econômica da Bolívia é desastrosa. Não há dinheiro para pagar a dívida externa, não há dinheiro para nada. Estamos arruinados. Então, este civil (o presidente Siles Susazo) tem todo o povo a seu favor. Mas até quando os militares vão deixar que ele governe? Para sair da bancarrota de agora, o povo todo terá de se sacrificar. E até quando o povo vai se sacrificar para salvar o País e depois acontecer um novo golpe de Estado? Até quando vai isso?

Você está ligada a algum partido político específico?

Por agora, não. Creio que sirvo mais desligada de um partido, posso fazer um trabalho mais amplo. Não quer dizer que estou contra os partidos políticos. Há muitos. Costaria que pelo menos eles se unissem um pouco mais. Em 1978, cheguei a pertencer a uma frente de sete partidos. Estou sempre procurando unir. Mas uma parte foi para a direita, outra para a esquerda, e eu fiquei lá sem saber para onde ir.

Em 1977, você foi uma das mulheres que lideraram a greve de fome da qual resultou o processo de redemocratização



DOMITILA



na Bolívia, àquela altura. Como foi esse episódio?

A partir de 1971, com o Governo Banzer, acabaram-se as liberdades democráticas, sindicais do país. As minas foram declaradas zonas militares, com uma série de problemas nos acampamentos. As donas-de-casa foram então se unindo, em defesa permanente dos direitos humanos. Estávamos pacientemente esperando o decreto do Governo pela anistia. Que não vinha nunca. Então, com quatro mulheres iniciamos a greve de fome, que também foi apoiada pelos operários e os camponeses que bloqueavam os caminhos. Dos quatro pontos que reivindicávamos, conseguimos três: anistia geral e irrestrita, reintegração nos postos de trabalhos de todos os operários demitidos por razões políticas e liberdade de organização sindical e política. Só não conseguimos retirar o Exército de nossas distritais.

As mulheres foram a ponta de lança de tudo isso. Mas o governo só aceitou os três pontos por causa da unidade de todo o povo. Veio também a solidariedade de muitos países, o que nos deu muita força. Depois tivemos um pequeno espaço de democracia, em que nos reorganizamos o máximo possível, até as eleições de 1978.

"Nunca pude pedir a participação de meu marido dentro de casa. Ele vinha tão cansado da mina..."

Mas houve uma fraude tão descarada que, em muitos lugares, o candidato oficial tinha mais votos que os eleitores inscritos. Depois haveria ainda outros dois processos eleitorais, até o golpe de 80, que foi um dos mais sangrentos e cruéis. Os distritos mineiros foram quase exterminados.

Essa participação importante das mulheres na greve de fome de 1977 teve consequências depois sobre a organização do movimento de mulheres?

As mulheres há muito tempo estão se organizando. O grupo que fez a greve foi num lugar onde já havia mulheres organizadas. E depois da greve quase todos os centros mineiros nos chamavam para orientar as mulheres, para conversarmos com elas. Sobretudo no campo a incorporação das mulheres na luta foi muito importante. Fez com que a Central Operária Boliviana — COB — tivesse que convocar um congresso nacional de mulheres camponesas, que teve a participação de mais de duas mil mulheres. Grandioso. As mulheres camponesas que vieram falavam em quechua e

aimara (as línguas dos índios bolivianos), e acabou-se criando uma Federação Nacional de Mulheres Camponesas, filiada à COB.

A situação das mulheres na Bolívia é muito pior que a dos homens?

É, porque mulheres são submetidas à dupla exploração. Os afazeres domésticos, que são também um aporte à economia do país, e, como os salários que ganham, seus esposos não são suficientes, elas também devem trabalhar fora de casa. Então, com a dupla exploração, dentro e fora de casa. Às vezes, também temos que explorar nossos filhos, que precisam trabalhar conosco. A situação é muito mais difícil para as mulheres. E no campo ainda é pior. Não há sequer sanitários, não se ganha o suficiente para se morar direito, e quando os filhos ficam doentes, muitas mulheres não sabem o que fazer.

Na medida em que as mulheres bolivianas vão se incorporando na luta, elas não começam a reivindicar também uma participação dos homens no trabalho doméstico?

Nunca pude pedir a participação de meu marido dentro de casa. Ele vinha tão cansado, sala muito cedo e chegava arrastando-se da mina. Nem sequer comia. Só depois de dormir umas duas horas é que conseguia se levantar: comer, sair um pouco e depois dormir. Mas vi muitos companheiros em meu distrito ajudarem em casa. Havia um companheiro que trabalhava de noite para ajudar a mulher de dia em casa com os muitos filhos. Ele lavava, cozinhava com os filhos. Meu pai também fez isso.

Penso no exemplo da Argélia, Domitila. Lá, as mulheres participaram ativamente da luta de libertação para, após a independência, voltarem para casa, aos

afazeres domésticos. Nem sempre a participação na luta significa também um aumento da consciência da mulher...

Creio que isso depende de cada um. Não se pode falar pelos outros. Uma mulher pode participar de tudo e depois não querer mais participar e voltar para casa. Eu quero continuar participando.

Você nunca teve problemas com o seu marido para participar politicamente? Não vive. No princípio sim. Mas ele também está convencido da necessidade disso.

E seus filhos, com quem ficavam? Entre eles mesmos, são muitos e de idades diferentes.

E quando os mais velhos eram pequenos? Eu não participava.

Em 1980, quando ocorreu o golpe militar de Garcia Meza na Bolívia, você estava participando de um Congresso de Mulheres em Copenhague. Como você vê as lutas específicas travadas pelas mulheres em muitas partes do mundo?

Em todas as partes do mundo, todos os seres humanos lutam do ponto de vista em que vivem. Se, por exemplo, as pessoas já superaram o problema econômico, de falta de alimentos, de casa, médicos, como na Europa, então podem lutar por seus direitos como mulher.

"Na Europa eles não têm paciência de escutar a situação da mulher na América Latina."

Me encontrei com dois tipos de lutas das mulheres, nunca pude ver um documento amplo de luta. Vi feministas que lutam contra o homem e também contra o sistema, mas sempre vendo o homem como quem oprime. E outras que lutam contra o homem, para destruir a ele. Vi esses dois tipos de lutas das mulheres. Me parece que em todas as partes do mundo há muita discriminação sobre a mulher. Mas vi também que todos querem ver uma solução do problema da mulher de seu próprio ponto de vista. Não têm paciência de escutar que a situação da mulher na América Latina é diferente de lá, da Europa.

Então você acha que, na América Latina, existe uma luta prioritária para as mulheres?

Sim, a luta econômica. Estamos conscientes de que a realidade de nossos países, de miséria, tem que mudar. Existem outros problemas também em nossos países. Mas a solução é

diferente. Tem que mudar essa realidade de miséria.

Mas não poderia haver lutas simultâneas, paralelas, ao invés de uma prioritária?

Desde que saí de casa para uma reunião, enfrentei a minha primeira luta paralela. Tive que enfrentar o meu marido para sair.

Fale-nos um pouco mais do movimento de mulheres na Bolívia. Há, por exemplo, alguma integração entre os grupos de classe média (profissionais liberais, intelectuais, etc.) e os setores mais populares?

Depois da revolução de 1952, as mulheres de classe média criaram várias organizações, que se tornaram instrumentos de defesa dos governos de turno. Mais tarde, formou-se a União das Mulheres da Bolívia, uma união de todas as mulheres que lutavam contra o sistema. Surgiu da necessidade de que todos se unissem, nos campos e nas cidades, e tinha também vínculos internacionais. Foi mais ou menos em 1966. Trabalhamos com esta organização, mas em determinado momento ela quis que nós do Comitê de Donas-

"Desde que saí de casa para uma reunião, enfrentei minha primeira luta paralela."

de-Casa mudássemos de nome e nos chamássemos também União das Mulheres da Bolívia. Dissemos que não somos classistas. Mulheres dos mineiros, não temos empregadas domésticas, queremos nos manter assim. A UMB era de muitos. Então, nos aceitaram assim, com nosso nome e especificidade. Coordenamos nosso trabalho com elas. Alí veio o golpe, com a repressão forte sobre a gente e também sobre elas, todo mundo teve que se organizar na clandestinidade. Em 1978-79 surgiu outro tipo de organização, a Federação Democrática de Mulheres, encabeçada pela esposa do ex-Presidente Juan José Torres, fazendo parte também a pequena burguesia. Alí, a UMB e a FDM começaram a brigar, cada uma dizendo que o nosso comitê era de uma ou de outra. Vamos discutir no Congresso onde ficamos.

E quando será o seu congresso?

Nunca poderemos fazer um Congresso do Comitê de Donas-de-Casa. Os companheiros não querem que façamos outra organização. Eles dizem que é fácil separar os homens das mulheres, que não podemos fazer outra organização se estamos dentro dos sindicatos. Algumas mulheres acham que não devemos separar também, e outras acham que sim.

Quando a COB nos convidou para os seus congressos, somos convidadas de maneira especial. Temos direito e voz mas não a voto, porque, segundo o regulamento, só os membros assalariados podem votar. Estamos discutindo isso. Em 1979, reivindicamos que esse artigo sobre o voto fosse reformado. Temos 34 dirigentes no Comitê e precisamos de um Congresso também para podermos eleger nossa representante na COB. Mas participamos sempre dos congressos dos homens. Todo mundo fala o que quer, e eles também participam de nossas assembleias. falando.



No dia 9 de dezembro, faz cinco anos que perdemos uma de nossas maiores escritoras: Clarice Lispector. Aqui, Sandra Lapeiz relembra um pouco o que ela foi, o que ela escreveu.



CLARICE, doce mistério...



Antônio Andrade

Ela dizia — “Tem gente que cose para fora, eu coseo para dentro”; e sem nenhuma reticência na afirmação, manteve o labor durante a vida deixando para a literatura brasileira esta tessitura de fios mágicos: sua escritura.

Clarice, uma mulher especial, que engendrou o próprio ser no exercício cotidiano de escrever, hábito desordenado, registrando tudo o que captavam seus sentidos. Essas emoções fragmentadas em pequenos pedaços de qualquer papel eram porções vitais de ar para que persistisse na vida. Para ela, existir tinha um sinônimo único: escrever. “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz”.

Clarice não escrevia seus livros, era escrita por eles. Como se, desde menina, depois de alfabetizada, tivesse sido iniciada uma longa jornada de desvelamento, de autoconhecimento, interrompida em dezembro de 1977, com sua morte. Sim, o ato deliberado de escrever existia, mas sempre precedido “por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada”, como ela própria afirmou, como se o fluxo e o refluxo da vida interior a empurrasse contra a indagação constante sobre o amor, a solidão, o mistério maior: a morte.

“Eu me deixo ser”

Mas que corpo se fazia habitar pelo espírito de Clarice? O elegante, aquele que, não desprezando o apuro do batom vermelho, brincos e colares e um guarda-roupa cuidado, era também e intensamente um corpo vivo, atento às sutis sensações, às nuances delicadas da paixão.

Sua fala testemunha: “Eu me deixo ser”.

Esta embriaguez do espírito pelas emoções a tornava doce e acessível — “mas você sabe que sou de trato muito simples, mesmo que a alma seja complexa”. Humilde e cheia de calor humano permanente, porém, senhora absoluta de sua individualidade, consciente da necessidade dos momentos solitários tão produtivos, imprimia sempre seu ritmo com delicadeza, contudo do jeito mais franco, direto e próprio.

Sua vida? De que fatos era feita sua vida? E aqui pressinto a cilada, que a intenção de escrever uma curta matéria sobre Clarice Lispector me arma. Quais os critérios? Como tocar substância tão delicada, sem que se achate uma veia, provocando um derame?! Proponho um olhar vadio e rápido, como se estivéssemos olhando uma vitrine. Deixo as delícias do mergulho mais fundo para você, quando estiver com um de seus romances na mão.

Vamos, então: primeiro, o casamento, com o diplomata, que mais tarde de desfaz; as viagens constantes e os exílios forçados nas embaixadas a que foi obrigada pela profissão do marido; as reuniões sociais e protocolos que a enfiavam profunda e sistematicamente; segundo, a maternidade, oferecida a Pedro e a Paulo, com amor equilibrado naturalmente atenta para que o ofício da escritura não se impusesse como estorvo, escrevia com a máquina ao colo na sala, no meio do ir e vir dos meninos. Pedro e Paulo crescidos, a vida segue, com muito silêncio em volta, morando só com o cachorro

Ulisses, num apartamento do Leme, abaixo de hábitos sistemáticos e solitários.

A estes fios circunstanciais de vida, ela foi torcendo uma substância viva, seu processo de vida individual, presente em seus romances, refletido em seus personagens, que, enquanto indivíduos, possibilitam um mergulho na dimensão mais recôndida da existência.

Reconheço e toco Clarice através da leitura de seus personagens. Chego a afirmar que, como num vitral, cada um deles, limitado pelo ferro, vive intensamente: angústia, amor, medo, náusea, a perplexidade de seu enredo, buscando a revelação de si próprio.

Olhando esse vitral, com alguns passos de recuo, vejo desenhado o perfil de Clarice, também buscando seu momento epifânico.

O mundo imaginário de Clarice é um mundo feito à sua imagem e semelhança, com suas dimensões de mulher. Em particular, seus personagens femininos são mulheres sós, e, talvez por este dado, pode-se explicar certo impasse nas respostas às situações criadas nos contos ou romances: um certo problema metafísico se insinua.

Na galeria de personagens da obra clariceana, as mulheres aparecem em número expressivo, não constituindo no entanto, tipos com medidas psicológicas padronizadas do caráter, mas entregues à sua própria maneira de existir, com tudo o que esta contém de subjetivo e transcendente, de individual e universal, de transitório e permanente, de consciente e inconsciente; e em meio a estas díades contraditórias, os personagens, numa eterna busca, tentam resolver os mistérios da paixão, da existência que os subjuga, vivendo momentos epifânicos. Breves momentos de lucidez fina que os remete a um estado de graça fugidivo e lhes dá a compreensão do Absoluto da existência, ao mesmo tempo que aparecem como força impulsionadora do movimento da vida.

"Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida."

Clarice Lispector

tórias, os personagens, numa eterna busca, tentam resolver os mistérios da paixão, da existência que os subjuga, vivendo momentos epifânicos. Breves momentos de lucidez fina que os remete a um estado de graça fugidivo e lhes dá a compreensão do Absoluto da existência, ao mesmo tempo que aparecem como força impulsionadora do movimento da vida.

As relações dos personagens não correspondem a regras fixas, estereótipos ou conceitos sociais padronizados, mesmo porque para Clarice o ambiente em que se movem os personagens é Espaço, e o Espaço, meio de inserção da existência.

As Joanas, Angelas, Anas, Sofias, Virgíncias, GHs, Ofélias, Marias, Eremitas e Macabéas do imaginário da autora-narradora não ocupam lugares prefixados de dominadoras ou dominadas nas relações com o Outro; apenas, sofrem de uma inquietação permanente, que é o desejo de ser, completa e autenticamente. Na verdade esperam superar as aparências, conquistando algo assim como um estado definitivo, realizando a possibilidade de Amor latente, que todas elas têm marcado dentro de si.

Esta misteriosa busca, Clarice também tinha frisado dentro de si, e narrando, narrava-se a si própria, num dar-se apaixonado até chegar ao esvaziamento — conquistando o EU sem máscaras, buscando a verdadeira identidade do seu ser, e com as coisas do mundo.

Um dia ela aspirou: "Quero escrever movimento puro." Seguramente conseguiu.

Sandra Lapeix

• Algumas das obras de Clarice Lispector: Perto do coração selvagem. A maçã no escuro. A legião estrangeira. A paixão segundo G.H. Água Viva. A hora da estrela. Um sopro de vida. O mistério do coelho pensante. Quase de verdade. Muitos de seus livros foram traduzidos para o espanhol, francês, inglês, alemão e tcheco.

Anúncios

Anuncie no Mulherio

Ligue para
(011) 211-4511
e fale com Linda.

LIBANO ASSESSORIA E INTERMEDIÇÃO
Compro e Venda de Telefones

Atendemos também aos sábados
até às 12 horas.
Pça. Cívica 29 (antigo Largo Tito)
Lapa - SP.

263.1200 e 62.6787

CLASSIFICADOS

Traduções e Versões; Temos uma equipe altamente especializada para trabalhos técnicos, comerciais e juramentados em inglês, francês, espanhol, alemão e outros idiomas. Trabalhamos inclusive em prazo de urgência. Conte conosco: Know-How - Rua Lisboa, 345 - fone 852.7046 e 881.1327.

Diagramação - lay-out - arte final.
Marlene - 544.2034.

ASSISTÊNCIA JURÍDICA À MULHER — As advogadas Florisa Verucci e Leny Rodrigues têm um escritório jurídico especializado nos problemas da mulher. Atendem especialmente casos ligados ao direito da mulher (família, trabalho, penal, etc...). Rua 7 de Abril, 261 - 9º andar conj. 903, São Paulo. Fone 255.2717.

GELÉIAS CASEIRAS - A Rose faz a melhor geléia que o Mulherio já experimentou. Quer provar? Ligue para ela - fone 215.7185.

Para anunciar, é só telefonar - (011) 211-4511 e falar com a LINDA.

Para você que está...

... pensando, participando, vivendo de olhos abertos a realidade brasileira. Uma cobertura completa do que acontece no mundo dos livros. Com objetividade, sem perder o humor, a criatividade e, naturalmente, a seriedade.

assine

Desejo fazer uma assinatura anual do mensário Leia Livros ao preço de Cr\$ 1.870,00



LEIA

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!
Posteriormente você receberá instruções para pagamentos.

Nov/82

Nome:			
End.:	Nº	Cx. Postal	
CEP:	Cidade:	Est.:	
EDITORA LEIA LIVROS LTDA. Rua General Jardim, 160 - 01223 - SÃO PAULO - SP.			

data _____ assinatura _____

De uma costela torta — Romance de Nuruddin Farah. Tradução de Sérgio Bath. Coleção Autores Africanos. Editora Ática, 1982. 157 páginas.

A religião muçulmana, profundamente patriarcal, não deixa qualquer espaço à mulher, salvo o de propriedade do homem. Desde o véu nos países árabes, à total marginalização da vida social, econômica e política, as mulheres muçulmanas estão, sem dúvida alguma, entre os seres mais esmagados e oprimidos da humanidade. De *uma Costela Torta*, romance escrito por um homem, o somali (de formação européia) Nuruddin Farah, faz justamente a reconstrução da vida sofrida e esmagada de uma mulher na Somália, país africano não árabe mas muçulmano, ex-colônia italiana.

Trata-se da estória de Ebla, cujo nome significa Graça, uma mulher inconformada com a sua condição de objeto, de escrava, de "propriedade de um homem". Ebla vivia numa comunidade pastoreira, junto com avô que, num belo dia, resolve negociar seu casamento com um velho. Para fugir à união que lhe repugnava, Ebla vai para a cidade, na casa de um primo. Este, pouco depois, faz o mesmo que o avô. De novo Ebla foge, agora para a capital, Mogadíscio, junto com um homem com quem se casa.

Então, iniciam-se as experiências sexuais de Ebla, ou as muitas violações de que é vítima. A começar pela primeira, brutal, sangrenta, como manda o figurino machista naquelas paragens. Revoltada, freqüentemente com nojo, ela acaba por submeter-se

De uma Costela Torta

(Romance)
Tradução de Sérgio Bath



àquela vida. Já que diante de si não se abrem outras perspectivas. Mas, ainda assim, a todo momento ela não abdica de sonhar com a felicidade. "Gosto de viver — todos gostam da vida", diz com insistência.

Como é comum em muitos países africanos e árabes do Oriente Médio, Ebla também sofreu a prática de excisão. Ou seja, a amputação (a sangue frio) do clitóris ainda na infância, acompanhada de uma costura da vagina, de modo a deixar aberto apenas o orifício da urina. Uma prática terrivelmente dolorosa e traumatizante, com

o objetivo de vedar o prazer sexual à mulher

De uma Costela Torta vale sobretudo para nos revelar como é a vida de uma mulher muçulmana em um país africano, sua opressão, seu esmagamento. O grande defeito, porém, está na transmissão deficiente dos sentimentos dessa mulher. O autor não chega a conseguir penetrar, encarnar a alma de Ebla. Às vezes fica difícil imaginar aquela mulher simples com tantas considerações semi-intelectualizadas, discursivas, desprovidas de maior dimensão. Por exemplo, em determinado momento Ebla se recorda da excisão sofrida aos oito anos, conta como foi, mas sem a carga de emoção que uma experiência dessas sem dúvida desencadeia.

Talvez esta seja uma limitação decorrente justamente por se tratar de um romance sobre mulher escrito por um homem — embora ressalva seja feita para alguns grandes nomes da literatura ou até da música (como Chico Buarque) que, mesmo sendo homens, conseguiram encarnar em profundidade a alma das mulheres de seu tempo. Só que, na maioria dos países africanos e muçulmanos em geral, a mulher ainda não começou a escrever sobre si própria, sobre a sua tragédia. É um romance como esse, apesar de suas limitações, certamente tem um imenso valor.

Também vale conhecer o conjunto da coleção "Autores Africanos" da Ática, que já publicou 18 volumes, fazendo um excelente trabalho de divulgação entre nós da nova literatura africana, comprometida com as lutas de libertação, rica, vigorosa, da melhor qualidade.

Helena Salem

Biu!

Você encontra Mulherio nas seguintes livrarias:

SÃO PAULO

- Belas Artes** - Av. Paulista, 2448
- Best-Seller** - Rua Bela Cintra, 1478
- Brasiliense** - R. Barão de Itapetininga, 99
- Capitu** - Rua Pinheiros, 339
- Carlitos** - Rua Gabriel Monteiro da Silva, 1374
- Cortex** - Rua Bartira, 387
- Duas Cidades** - Rua Bento Freitas, 158
- Espaço Aberto** - Rua Arthur de Azevedo, 1529
- Escrita** - Rua General Jardim, 570
- Horizonte** - Rua Jesuino Arruda, 806
- Manduri** - Rua da Consolação, 265
- Nobel** - Rua Maria Antonia, 108
- Parágrafo** - Rua Bela Cintra, 2173
- Seridó** - Av. Ipiranga, 200 - Loja 34
- Vozes** - Rua Haddock Lobo, 360
- Zapata** - R. Dr. Césarino Mota Jr., 285

RIO DE JANEIRO

- Eu e Você** - Rua Constante Ramos, 23 - B
 - Daxibao** - Rua Visconde de Pirajá, 595 - Loja 112
 - Simões** - Av. Alberto Braune, 55 - Nova Friburgo
- PORTO ALEGRE**
- Espaço** - Rua Annes Dias, 166 - Edif. Instituto de Arquitetas do Brasil.



Não espere mais encontrar-se com alguém do Mulherio para fazer ou renovar sua assinatura. Preencha este cupom e mande pelo Correio: é rápido, é seguro. Não esqueça de cruzar o cheque, nominal à Fundação Carlos Chagas.

Desejo fazer uma assinatura anual (6 números) de MULHERIO, dos nº — a —
Para isso estou enviando um Cheque Nominal no Valor de Cr\$. 750, (Cr\$ 1.200,00 para o exterior)
Em nome da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Redação do MULHERIO — Av. Prof. Francisco Morato, 1565 — 05513 SP, fone 211-4511.

NOME _____

ENDEREÇO _____ PROFISSÃO _____

BAIRRO _____ CX. POSTAL _____ TEL. _____

CEP _____ CIDADE _____ ESTADO _____

A Mulher na Língua do Povo — de Eliane Vasconcelos Leite, Edições Achiamé, Rio de Janeiro, 1981, 80 páginas.

Já se disse que a mera observação da linguagem pode revelar muito mais sobre a desigualdade e assimetria na relação homem/mulher do que todas as histórias de horror e violência que se possam compilar.

O pequeno livro de Eliane Vasconcelos Leite, *A Mulher na Língua do Povo*, é uma coleção de evidências de que a língua portuguesa não é um código neutro na designação do mundo masculino e feminino. No seu uso cotidiano, ela inferioriza a mulher, discrimina-a, torna-a invisível, desqualifica seu trabalho e a insere e confirma nas premissas de uma cultura centrada no domínio masculino.

As anotações feitas pela autora referem-se ao léxico usado no Rio de Janeiro e foram recolhidas nos anos de 78/79, através de análise de conversações, diálogos de filmes, novelas e programas de TV, além de entrevistas com uma amostra de adultos cariocas. A análise sistemática é feita tanto do ponto de vista dos itens lexicais como da estrutura gramatical e os capítulos vão desvendando as formas pelas quais o enquadramento da mulher é expressão e é expresso na boca do povo.

Num passe de ... linguagem, segundo um formato gramatical enviesado, o feminino desaparece na concordância de pronomes indefinidos ou na designação de formas genéricas:

"Ninguém famoso compareceu ao show"

"O brasileiro é alegre"

Quando não invisível: objeto.

"Você é bonita demais para ter tanto talento", disse José Messias a Marisa Urban no dia 1º de abril de 1979, no programa de Flávio Cavalcanti. É uma entre tantas frases ouvidas no cotidiano dos meios de comunicação ou de conversas informais, com uma função certa e específica: desvalorizar a aptidão intelectual da mulher e apontar um dos poucos terrenos em que lhe permitem exercer sua capacidade: a aparência física.

Mesmo neste plano, as designações usuais coisificam a mulher e expressam sobretudo sua utilidade sexual. "Uva, bombonzinho, chuchuzinho, bofe, bacalhau, bucho" expressam o prazer e desprazer de comer, o que, por sua vez, significa manter relações sexuais.

Não bastasse a sinalização implícita de objeto sexual, a autora dedica todo um capítulo à análise de expressões de linguagem de duplo valor da moral sexual da sociedade brasileira: permissiva para o homem, restritiva para a



O que é poesia, de Fernando Paixão. Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 104 páginas.

É gostoso ler esse livro, mas não deixa de ser revoltante: a mulher escritora e poetisa foi simplesmente esquecida. Garanto que foi sem querer, o que é pior ainda, pois o mecanismo do inconsciente é bem conservador.

O poeta e ensaísta Fernando Paixão faz toda uma reflexão histórica a respeito da poesia, desde os tempos mais remotos até os atuais, exemplificando suas reflexões com o discurso de vários poetas, fazendo um percurso geográfico que vai do Oriente ao Ocidente e, obviamente, chega ao Brasil. Cita desde os poetas mais famosos até os esquecidos, como o pedreiro José de Simone, com a poesia "Somos todos iguais": "Eu sou branco/ e que diferença faz o homem da cor preta?/ Todos nós tivemos amor, todos nós chupamos chupeta./ Todos nós sentimos dor/ todos nós fazemos careta./ Por que não gostar do homem da cor preta?" E eu pergunto: por que não gostar da poesia da mulher?

Em *O que é poesia*, a mulher não aparece nem como poetisa (da bibliografia não consta sequer texto de poetisas) nem como assunto, como musa (e já houve quem dissesse que a mulher tem a função de ser "musa profissional").

Fernando, acho um erro crasso essa tua visão microscópica sobre o pepel da poesia, por isso "eu te grito essa queixa", pois garanto que seu livro seria menos incompleto se contivesse o "eu lírico feminino". Sua falha poderia me incitar a escrever para a Coleção Primeiros Passos um livro sobre "o que é a poesia feminina". E os críticos comentariam: por que essa divisão entre masculino e feminino? Mas seu livro é a resposta adequada para os que se irritam contra a diferenciação da terminologia.

mulher. "Na língua portuguesa não há equivalentes masculinos para palavras ou expressões que denotam uma conduta ilícita da mulher, tais como: meretriz, piranha, mulher da rua, sem vergonha, mulher da vida fácil, mulher de cama, puta, prostituta".

Pinçando aqui e ali, Eliane Vasconcelos Leite vai mostrando com simplicidade jornalística (embora o texto tenha sido trabalho de mestrado) como um homem "tesudo" tem uma "piranha" de contraponto ou como uma escritora, para ser grande, vira homem:

"Clarice Lispector: é o maior narrador brasileiro que trabalhou com a palavra" (*O Globo*, Rio de Janeiro, 13/1/79).

A dimensão da pesquisa e seus objetivos não chegam a alcançar, no entanto, as implicações mais amplas e os efeitos mais permanentes de uma linguagem endocêntrica. A autora tampouco toca na possibilidade de intervenção neste código e encerra a pesquisa assinalando apenas que "mudanças sociais poderão acarretar alterações lingüísticas" numa direção mais equânime.

Fátima P. Jordão

Marlene Bilenky

Mulher, Sociedade e Estado no Brasil veio suprir uma necessidade há muito sentida. Focaliza ampla gama de dimensões da vida da mulher na sociedade brasileira, fornecendo dados, hipóteses e interpretações. Assim, conduz com segurança o leitor por essa intrincada trama de relações sociais e econômicas reprodutoras de preconceitos, potenciadoras de discriminações e de resultados profundamente contraditórios.

Trabalho, educação, saúde e infra-estrutura de serviços para auxiliar a mulher trabalhadora são alguns dos aspectos tratados no livro, que reúne subsídios de numerosas pesquisas realizadas em áreas específicas do conhecimento. Só por isso a obra já seria merecedora de aplausos, uma vez que reúne materiais esparsos e nem sempre de fácil acesso. Acrescenta-se ainda a maneira direta, objetiva e documentada na abordagem das diferentes facetas da vida feminina.

Engajamento político consciente, sem paixões epidérmicas, constitui a marca mais patente do livro, que servirá para enriquecer os iniciados no assunto, assim como para orientar a penetração dos menos familiarizados com o tema, crescentemente catalisador de interesse. Essa primeira parte do livro satisfaz a um amplo espectro de interesses, dado seu caráter multifacético e dada sua simultânea capacidade de síntese, embora não incida propriamente sobre temáticas novas.

Já II e III Parte abordam questões pouco ou nada exploradas pela literatura especializada no Brasil, descrevendo e analisando as políticas governamentais em relação à mulher e a atuação das organizações não-gover-

MULHER, SOCIEDADE E ESTADO NO BRASIL

Mulher, sociedade e Estado no Brasil, várias autoras, com coordenação de Carmen Barroso. Edição conjunta da Unicef e Editora Brasiliense, 1982, 190 páginas.

namentais.

Ainda que esta última suscite o maior interesse, exatamente por dizer respeito aos movimentos sociais que passaram a cavar seu espaço nos últimos anos, o momento político impõe que se dedique mais espaço à parte destinada à análise das políticas governamentais.

O Brasil é signatário de muitos acordos internacionais, objetivando a promoção social da mulher. Enviou delegações oficiais aos congressos realizados sob patrocínio da ONU, quer no México, em 1975, quer em Copenhague, Dinamarca, em 1980. No momento de assinar os tratados e, portanto, assumir compromissos de empenhar-se no processo histórico de equalizar

socialmente a mulher ao homem, os representantes do Estado brasileiro comportaram-se de acordo com o figurino dos Estados civilizados. Não honraram, entretanto, esses compromissos, chegando mesmo a emitir, em documentos oficiais internos à Nação, opiniões frontalmente divergentes do raciocínio que informa os planos mundiais da ONU. Estes recomendam uma política intervencionista não apenas visando à promoção feminina a partir da implementação de determinado plano; colocam como meta a recuperação do atraso em matéria de distância social entre homens e mulheres, através de medidas que beneficiem deliberada e ostensivamente a penetração de elementos femininos, seja em ocupações tradicionalmente masculinas, seja em cursos formais reservados aos homens, seja na política, atividade tida e havida como terreno quase exclusivo dos machos. Países que levaram a sério seus compromissos internacionais chegaram a destinar um certo número de cadeiras do parlamento nacional a mulheres. Este é o caso do Egito, país muito menos desenvolvido economicamente que o Brasil.

Mulher, Sociedade e Estado no Brasil serve também para mostrar as duas faces do Estado brasileiro: a externa e interna. No plano internacional, o Brasil endossa as teses de intervenção estatal, visando à eliminação da inferioridade social da mulher; a nível da Nação, não apenas não interfere para corrigir os erros, como permite que seus próprios organismos pratiquem descaradamente a discriminação contra a mulher.

Heleieth Saffioti

LANÇAMENTOS

A GLOBAL Editora lançará, na semana de 22 a 26 de novembro, a coleção "As Mulheres", dirigida por Moema Viezzer. Quatro livros iniciam a coleção: Se alguém quiser saber, de Moema Viezzer, que trata da situação da mulher dominicana; Estamos todas despertas, de Margaret Randall, um depoimento que traz implícita a criação de novas relações entre homens e mulheres na Nicarágua; A face oculta de Eva, de Nawal El Saadawi, um retrato da mulher no mundo árabe escrito por uma psiquiatra egípcia; e Se me deixam falar, de Moema Viezzer e Domitila Chungara, o conhecido depoimento da líder mineira boliviana.

A EDITORA Vozes lançou há pouco O trabalho da mulher e do menor na indústria paulistana (1890-1920), de Esmeralda Bianco Bolsonaro de Moura. Com o livro, a autora dá início à busca sistemática de dados sobre a participação da mulher e do menor na força de trabalho industrial paulistana.

A UNIÃO de Mulheres de São Paulo editou o caderno A luta de libertação da mulher palestina, que traça um histórico da organização das palestinas

desde a década de 20 e diz como se dá a participação política feminina hoje. Endereço da União: Rua Alpuxuna, 55, Campo Belo, SP, CEP 04616.

CARMEN Barroso e Cristina Bruschini acabam de lançar Educação sexual, debate aberto, pela Editora Vozes. O livro relata o resultado de uma pesquisa sobre sexualidade feita com jovens de 15 a 17 anos em algumas escolas da periferia paulistana.

O DEPOIMENTO de uma professora ("24 horas na vida de uma mulher") e sua análise na perspectiva do trabalho feminino ("A esposa professora e sua terceira ou quarta jornada de trabalho") são artigos incluídos no nº 4 da Revista da ANDE (Associação Nacional de Educação), rua Bartira, 387, São Paulo, 05009.

BEM REDIGIDO e com muitas ilustrações, o caderno Participando pega prática inicia a série de publicações sobre a questão da participação política da mulher na nossa sociedade a ser editada pelo Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas da PUC-SP, com direção da advogada

Sílvia Pimentel.

A APEM-RJ (Associação de Pesquisas e Estudos da Mulher) está divulgando uma brochura sobre Saúde-Moral-Aborto, de autoria de Maria José de Lima. Solicitações devem ser feitas diretamente à APEM, rua da Matriz, 82, Botafogo, Rio de Janeiro.

UMA EDITORA feminista está sendo criada no Rio: Memórias Futuras Edições, dirigida por Lillian Marques da Costa. Seu primeiro lançamento será a tradução de Les enfants de Jocaste (dica de tradução de Mulherio)

TRÊS ANTOLOGIAS sobre diferentes aspectos da experiência lésbica estão sendo preparadas no Exterior e solicitam colaboração de brasileiras. Para maiores informações escrever com urgência para: Júlia Penelope, Department of English, University of Nebraska, Lincoln, NE 68588, EUA; Anthology, C/O Jeanne Vaughn, 217 Paio Verde Terrace, Santa Cruz, CA 95060, EUA; e Signs, Center for Research on Women, Serra House, Serra Street, Stanford University, Stanford, CA 94305, EUA.





Antes tarde do que nunca

A campanha para tornar o Código Civil menos discriminatório em relação à mulher chegou a um momento decisivo. Em novembro, o Congresso Nacional deverá votar um projeto de alteração completa do Código, que foi apresentado ainda em 1975 aos parlamentares e desde então segue a burocracia interna do Congresso. A novidade é que o relator geral do Código, deputado Ernani Satyro, recomendou que sejam adotadas várias emendas em favor da mulher, das quais a mais importante é a que extingue a chefia da sociedade conjugal.

Essa é a primeira vez que um legislador brasileiro declara-se a favor da igualdade entre o homem e a mulher na sociedade conjugal. Por isso, temos que apoiar o Ernani e pressionar os parlamentares para que aprovem as emendas sugeridas por ele", diz a advogada Florisa Verucci. Ela é a responsável, juntamente com a advogada Sílvia Pimental, pela preparação de um esboço do Novo Estatuto Civil da Mulher (ver Mulherio n.º 3, pág. 7). A apresentação do projeto no Congresso foi formalizada pela deputada Cristina Tavares e pela senadora Laélia Alcân-



tara, em março deste ano. O relator do projeto é o deputado Marcelo Cerqueira.

Sílvia Pimental e Florisa Verucci

escreveram uma carta aberta a Ernani Satyro, tão logo ele divulgou as sugestões de emendas que fez ao Código Civil. Na carta, as advogadas afirmam que o deputado "declara poucas simpatias pelas feministas, mas na verdade torna-se nosso aliado quando reconhece que a nossa proposta de um Novo Estatuto Civil da Mulher corresponde à tendência do Direito Moderno".

Dizem ainda que "se dentro em breve viermos promulgado o novo Código Civil, com a incorporação de nossas propostas nos pontos referentes à mulher e à família, essa vitória não será apenas da mulher brasileira, mas sim de toda a sociedade".

Elas lembram, contudo, que "mais essa conquista não significará o fim da luta. Em nosso país, infelizmente, uma nova lei não resulta em prática automática. Para ficar apenas num exemplo, lembramos que hoje, cinco anos após a entrada em vigor da lei do divórcio, que concede à mulher a liberdade de escolha do uso do nome de casada, os cartórios de paz obrigam a nubente a adotar o sobrenome do marido".



● O projeto de lei do deputado Modesto da Silveira (PMDB-RJ) que penaliza a discriminação contra a mulher (ver Mulherio n.º 9, pág. 21) já está na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. Seu relator na Comissão é o deputado Márcio Macedo (PMDB-RJ). Depois de aprovado na Comissão, o projeto deverá ir a plenário para debate e votação. O deputado Modesto da Silveira lembra que é preciso que os congressistas sintam o

interesse da sociedade civil para tomar uma posição sobre o projeto. Por isso, pede que quem concordar com o projeto procure os parlamentares para se comprometerem com sua aprovação.

● Depois de anos de luta, a campanha pela legalização do aborto está crescendo em Portugal — e necessita, mais do que nunca, do apoio internacional. Em

março, o Partido Comunista apresentou no Parlamento um projeto para a legalização do aborto, planejamento familiar e educação sexual. Em junho, várias entidades promoveram um debate com mais de 500 pessoas, inclusive deputados, médicos, advogados e jornalistas, em defesa da legalização. Na mesma época, formou-se a Comissão de Mulheres para a Legalização do Aborto, que organizou um dossiê de 170 páginas com documentação sobre o aborto em Portugal e em outros países. O documento foi entregue ao presidente do Parlamento e aos representantes de todos os partidos, que prometeram analisá-lo a partir de outubro. Maria Antônia Palla, jornalista que já foi processada duas vezes por advogar publicamente a legalização, pede que as brasileiras manifestem seu apoio às portuguesas. As adesões podem ser enviadas ao seguinte endereço: Maria Antônia Palla, rua da Vinha, 51, 2.º, Lisboa, 1200, Portugal.



Entrando em cena

Até o final do ano, está em cartaz no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em São Paulo, a peça "Mural Mulher". Segundo a equipe, "trata-se de uma tentativa de discussão cênica em torno da condição da situação da

mulher no Brasil de hoje da forma mais real e verdadeira possível, sem a visão triunfalista que normalmente surge em questões deste tipo".

A peça baseia-se em entrevistas e pesquisas realizadas pelas oito atrizes que compõem o elenco junto a mulheres de diferentes classes sociais e profissões. O material obtido foi transformado em roteiro dramático por João das Neves, que também dirige o espetáculo. Este é o seu primeiro trabalho em São Paulo depois de "O Último Carro", espetáculo premiado mais de 20 vezes, também de sua autoria e direção.

João das Neves diz que "Mural Mulher está entre o documento e a ficção. O espetáculo não pretende tomar uma posição definitiva, contra ou a favor". No elenco, estão Beatriz Berg, Cláudia Mello, Isa Kopelman, Lucélia Machiaveli, Nara Gomes, Nirce Levin, Simone Hoffmann e Zenaide.

● A luta contra a violência à mulher ganha força na Paraíba. Em setembro, num julgamento que demorou nove horas — período durante o qual as integrantes do grupo Maria Mulher ficaram nas portas do tribunal segurando uma faixa com os dizeres: "Quem ama não mata" —, foi condenado a 19 anos de prisão o comerciante Floriano Miranda de Oliveira, que assassinou sua mulher em março, em João Pessoa. Também foi criado um Comitê contra a Violência à Mulher, formado por diversas associações profissionais, sindicatos (inclusive rurais), entidades civis, centros acadêmicos e núcleos partidários. Segundo levantamento do Maria Mulher, nos últimos dois anos 17 mulheres foram assassinadas por companheiros na Paraíba.



Concorrência desleal prejudica empreendimento

Épa! Liberadas sim: as mulheres estão numa boa, jogando para o alto os séculos de repressão sexual, todas adeptas do "pintou, transou". Mas já tá na hora de pensar um pouco nas alterações que o excesso de oferta traz ao mercado. E que oferta! Além de gratuita, item essencial nesses tempos de crise, ainda dá direito a lençóis limpinhos e sem manchas, música ambiente, bebidinhas antes e depois, eventualmente um mousse de chocolate, bom papo, discussão da conjuntura política e quietais...

Olha aí as conseqüências: em Bauru, pacata cidade do interior de São Paulo, a famosa Casa da Eny está à venda por Cr\$ 300 milhões. Sua proprietária, Eny Cesarino, muito elegante apesar dos declarados 75 anos de idade, diz que resistiu muito em vender o imóvel, "mas hoje, por causa da liberação dos costumes e da crise econômica brasileira, os clientes escasseiam e não há outro jeito".

Não é um imóvel qualquer, não. Ele tem 70 apartamentos, piscina, sau-

na, lanchonete e restaurante. Desde 64, quando foi construído, virou o principal ponto turístico da região, recebendo visitantes de todos os Estados e até do Exterior, informam velhos moradores. Fica no entroncamento das rodovias Bauru e Ipaçu, local conhecido como "Trevo da Eny".

Saudosa da época de ouro de sua casa, Eny conta que "muita gente famosa e rica da região e até políticos conhecidos em todo o Brasil freqüentavam a minha casa, que sempre se destacou pela beleza das meninas e pelo seu perfeito funcionamento". Com o dinheiro arrecadado em seu negócio, ela criou mais de 70 afilhados, muitos deles já formados, casados e com filhos.

Logo que vender o imóvel — comenta-se em Bauru que já há um grupo interessado em transformá-lo em casa de repouso — Eny quer voltar a morar em São Paulo, junto de seus 11 filhos e vários netos.

Adélia Borges



Rosana Lopes Barista

CURTAS

• Deu na **Folha de S. Paulo**: "Ainda dizem que o Brasil não tem peito e não tem fundos." (De um ministro brasileiro, no momento em que a manequim Xuxa adentrava os salões do Hotel Plaza, onde Figueiredo oferecia um coquetel à colônia brasileira em Nova Iorque.)

Ao que tudo indica ("tudo" incluindo desde nossa política econômica até esse comentário do ministro) o que falta na anatomia do Brasil é mesmo o miolo.

• Outra que deu no jornal (**JB**, 20/10): "Mulher doente e reservas não se mostram, diz Galvêas". Abaixo do título, o seguinte diálogo entre o repórter e o ministro da Fazenda: "Por que é que o Banco Central não está divulgando os últimos números sobre as reservas cambiais e a captação externa do Brasil"? "Essas coisas são assim mesmo: quando você tem uma mulher bonita, você passeia com ela aí por Copacabana. Quando você está com uma mulher doente, você deixa ela em casa."

• Um síndico pode impedir mulheres que moram sozinhas (gozado) só se emprega essa palavra "sozinhas" para mulheres que moram sem um homem, nunca se fala de homens sozinhos) de receber visitas em seu apartamento? Um juiz de Belo Horizonte responde que não. Ele deu essa sentença numa ação movida por cinco moradores de um apartamento na rua Emilio Gassler, e ainda impôs uma multa ao síndico que proibia as moças de receberem visitas. Quantas de nós, ao depararmos com atitudes igualmente arbitrárias, não clamamos e deixamos tudo como está?

MEMÓRIA

O jeitinho da baiana

A história do feminismo no Brasil só muito recentemente começa a ser escrita. Por isso é que se tem de registrar nesse ano de 1982 a morte de Edith Mendes da Gama e Abreu, baiana de Feira de Santana, nascida quase com o século, em 1903. Ela é bem o depoimento de um tempo. Conseguiu, como mulher, marcar posições de independência e conviver com a consciência conservadora das difíceis e melífluas elites baianas.

Com apenas um diploma de professora primária, chegou a catedrática da Universidade Federal. Primeira mulher acadêmica (Academia de Letras da Bahia), quase toda sua vida se passou no que se poderia chamar de "espaço dos homens".

Aos 15 anos, na então pacata Feira de Santana, ela fez uma conferência intitulada "A Mulher". E longe do que se poderia esperar de uma mocinha de família tradicional, conservadora, seu discurso revela a inquietação da jovem mulher que anos depois fustigará a conhecida modorra baiana.

Integrou-se às lutas constitucionais e eleitorais nas décadas de 30 e 40, criou a Federação Baiana pelo Progresso Feminino, participou ativamente como membro da direção da Federação Brasileira pelo Progresso

Feminino e se fez presente na política partidária. Aí, como candidata a deputada federal em 1934, recebeu mais de 10 mil votos, marcando posições de coerência e bravura. Candidata a deputada estadual em 1946, sua plataforma volta-se sobretudo para as questões do trabalho, da saúde e da educação.

A escritora Edith Gama e Abreu deixa vários livros e grande número de artigos publicados em revistas e jornais, como "A mulher e a concepção nova da vida", "Feminismo, família, sociedade e religião" e "Mulher feminista e mulher feminista".

O que intriga, porém, nessa figura exemplar, é a perícia que desenvolveu para a um só tempo conviver com o conservadorismo — que era dela também! — do tempo e dos grupos aos quais pertencia e as posições de vanguarda que tomou em relação à mulher. É certo que não podemos considerá-la uma feminista, nos termos de que hoje dispomos no arsenal de nossa teoria e de nossa praxis. Ela própria não se considerava como tal. Mas ela o foi, a seu modo, no seu tempo e nas condições de que nele se dispunha.

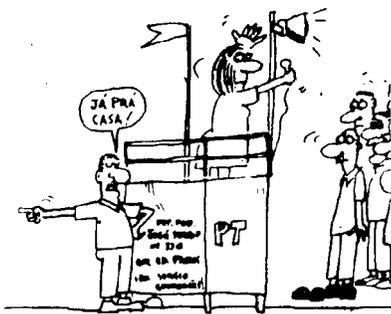
Zahidé Machado Neto, de Salvador



VÁRIAS



• Exercício democrático é isso mesmo: deu de tudo nessa campanha eleitoral. Revólver, espingarda, canhão. Bingo, churrasco e leitão. Povo, creche e participação. Mulher, mulherzinha, mulherão (quero ver mesmo, é depois do dia 15, quem é que vai se lembrar mesmo do Mulherio, o genérico e o específico, aqui). Da garota sexy posando com camiseta do Maluf em "revista para homens", passando pelas papetes, ademaretes etc, até o excelente folheto "A questão da mulher" de autoria do PT baiano, do qual extraímos estas charges.



E, POR INCRÍVEL QUE PARÇA O TRABALHO DOMÉSTICO, NÃO É RECONHECIDO PELA SOCIEDADE A DONA DE CASA NÃO É CONSIDERADA UMA TRABALHADORA

NA HORA DE PROCURAR UM TRABALHO FORA, QUANTAS EXIGÊNCIAS SÃO FEITAS PELOS PATRÕES PARA EMPREGAR UMA MULHER! E AINDA POR CIMA, A MULHER TEM QUE ACUMULAR O TRABALHO DOMÉSTICO



• Laci do Nascimento, diretora da Escola de Auxiliar de Enfermagem de Assis (SP), expulsou do estabelecimento a aluna Rosemary Pinheiro Flauzinho, 20 anos, "por estar grávida sem ser casada". Rosemary formalizou queixa na Delegacia de Polícia contra a diretora. O fato está suscitando reações contraditórias na cidade: ex-alunos divulgaram moção de solidariedade à diretora, os alunos atuais fizeram um abaixo-assinado em defesa da colega e o promotor público da 1ª Vara condenou a expulsão, afirmando que ela fere a Constituição. "Qualquer mulher tem direito a escolher o pai para seu filho e ninguém tem nada a ver com isso", disse o promotor Edgar Pereira Lima.

• As mulheres africanas desempenham um papel importante na economia de seus países, mas têm acesso difícil ao mercado financeiro, ainda dominado pelos homens. Uma nova empresa, a Corporação Financeira para a Mulher do Quênia, tenta modificar essa situação, dando às mulheres a oportunidade de obter o dinheiro de que necessitam para iniciar negócios. A Corporação atua como aval nos empréstimos concedidos pelos bancos da praça. Assim, uma mulher que necessita de crédito para atividades comerciais já não deve cumprir a exigência habitual das entidades financeiras de contar com um aval masculino. A Corporação também quer converter-se numa instituição intermediária de crédito, trabalhando com taxas baixas de juros e prestando assistência técnica às clientes. (Extraído do serviço OIM-IPS)

• Os estudos sobre mulher — *women studies* — já ganharam tal status acadêmico em países como os Estados Unidos, Inglaterra e França que constituem até mesmo áreas de estudo comparáveis a ciências como a Sociologia e a Antropologia. No Brasil, a situação ainda é incipiente, mas já começa a mudar: o Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo criou um curso de pós-graduação sobre o feminismo. A iniciativa da criação é da professora Ruth Cardoso, que demorou oito meses para obter o credenciamento do curso, enquanto para outros cursos que propôs a espera não foi maior que dois meses.

ACOUQUE

• O terrível acontecimento que em outubro levou à morte Zenaide Maria Bernardo, uma das candidatas ao "bebê de proveta", dá o que pensar.

Primeiro, no mau atendimento ao qual estamos todos sujeitos dentro do sistema de saúde no País. Mau atendimento que é resultado, além de uma série de outros fatores, da inexistência de consumidores organizados. Pois mesmo o marido de Zenaide, Paulo Sakai, que inicialmente denunciara imperícia e negligência do médico Milton Nakamura numa delegacia de polícia, desistiu de qualquer ação quando sua mulher morreu. "Uma medida dessa natureza atinge diretamente o dr. Nakamura, uma pessoa que sempre admiramos e a quem estava entregue minha mulher há quatro anos. Para ela, o dr. Milton Nakamura era um Deus", disse ele aos jornais.

Segundo, na enorme pressão social a que está sujeita a mulher para ser mãe. O mito da maternidade como forma fundamental de realização da

mulher ou mesmo da concretização do chamado "laço conjugal" é um monstro sagrado que precisamos derrubar. E aqui vemos as palavras das candidatas ao bebê de proveta, para as quais "um filho é tudo na vida de um casal".

Terceiro, no objetivo que teriam alguns órgãos de imprensa na divulgação sistemática e crescente dos avanços da tecnologia médica. Essa tecnologia, de difícil ou impossível acesso para a maioria da população, pode ser contraposta ao enorme rol de problemas básicos de saúde não resolvidos. O caso do "Fantástico", da TV Globo, é o mais gritante, em sua promoção barata e repetida de picaretas de toda espécie, que semanalmente dão novas receitas para emagrecer, engordar, acabar com o câncer, etc.

Vale lembrar, ainda, que mais uma vez a mulher foi usada para sensacionalismo fantástico: na abertura ou no fechamento do programa, nossos corpos continuam lá... à disposição.

• Com a lembrança de seus 14 mil mortos, as refugiadas palestinas estão vivendo o terrível esforço de reconstrução de suas vidas. Casas e poços destruídos, escassez de água potável, disseminação de doenças contagiosas, como a cólera, disenteria e pólio. Tendo sofrido, visto e ouvido bombardeio continuado, às vezes por mais de 10 horas consecutivas, ou presenciado a exterminação de seus maridos e filhos, essas mulheres estão enfrentando hoje graves problemas de saúde mental. São as seqüelas da guerra, que não merecem manchetes nos jornais. (Extraído de *Spare Rib*)

Feminist Attire



CL5- Bikini Pant.
CL6- Bikini Pant.
Sizes: 5, 6, 7

CL5 CL6



CL1-Running Shorts with the woman's symbol.
CL2-Running Shorts with the double woman's symbol.
Colors: White or blue.
Sizes: Sm 28-30, Med 32-34, Lg 36-38, Xlg 40-42.
\$6.95 each

CL4 CL3

CL3-Woman's Symbol tube sock.
CL4-Double Woman's Symbol tube sock.
One size fits all and these warm socks come just under the knee.
\$2.99 each

Consumismo em sisterhood

Tá bem. As mensagens alternativas estão sempre presentes nos broches, cartazes, papel de cartas, calcinhas, vibradores: espelho de vênus, a pomba mulher, as frases de efeito,

tudo certinho. Dá até vontade de ir escolhendo os acessórios feministas incluídos no catálogo para 1982 da **Feminist Horizons**. Mas, peraí! Mesmo que possa engolir com careta o argumento "todas as armas são válidas para se opor ao sistema", e quase propor o catálogo como inspiração pras irmãs Tupiniquins, a lista de livros incluída no catálogo traz de volta a pulga atrás da orelha. Título de abertura: **o que fazer com uma mulher liberada: guia da nova etiqueta para uso de homens quase liberados**. Eu, hein!

Fúlvia Rosemberg

Fora de campo

Em lugar de homem, mulher não entra. Por ordem do Conselho Nacional de Desportos e da Confederação Brasileira de Futebol, todas as federações estaduais de futebol proibiram os clubes oficiais de ceder seus campos para partidas, treinos ou competições de jogadoras mulheres. A circular de proibição foi enviada dias após o jogo entre a seleção feminina do Rio e a de São Paulo, em pleno Mourmibi, no encerramento do Festival Nacional de Mulheres nas Artes.

Inconformadas, jogadoras impetraram mandato de segurança contra a proibição. Afinal, mulher e futebol são coisas que já começam a aparecer juntas. No Rio, há mais de 200 times femininos de futebol, que promovem competições acirradíssimas, com torcida organizada e tudo, diz a capitã do Beija-Flor, Rose do Rio, 29 anos, que joga futebol desde criança.

ANOTE

• O SOS Corpo mudou de endereço para correspondência e contatos. Agora é Av. 10 de Novembro, 57, CEP 53.000, Olinda, PE, telefone 429-0992. O grupo está muito ativo: produziu e está vendendo a brochura SOS Corpo de Mulher e a brochura SOS Contracepção; está formando grupos de auto-exame (conhecer melhor o corpo, a sexualidade), dando cursinhos nos bairros periféricos de Recife (sobre o corpo, o prazer, a frigidez, a contracepção, o aborto, as ervas medicinais); e apresentando nos bairros a pecinha de teatro *Vida de Mulher*, que fala da problemática da mulher, da saúde dela e da proposta de trabalho do SOS Corpo.

• O Brasília Mulher também mudou de endereço: SCLN 306, Bloco B, Loja 10, subsolo, Caixa Postal 07662.

• Mais um grupo de mulheres pede a divulgação de seu endereço: Grupo Mulher Sexualidade e Saúde. Caixa Postal 551, 90.000, Porto Alegre, RS.

O Tribunal Superior do Trabalho decidiu que a empresa que não oferecer creches aos filhos de suas funcionárias, como manda a lei, terá de dar licença remunerada de seis meses à mãe.

AGENDA

• Mulheres, feminismo e pesquisa é o tema de um colóquio financiado pelo Ministério da Pesquisa na França, no último trimestre de 82. Informações: Affer-Grief, Université de Toulouse, Le Mirail, 109 bis, Rue Vauquelin, 31058, Toulouse Cedex, France.

• Uma conferência sobre mulher e saúde (Edimburgo, 25 a 27 de maio de 83) está sendo organizada pela Seção Regional para a Europa da Organização Mundial de Saúde e pelo Grupo Escocês de Educação da Saúde. Procure: The Scottish Health Education Group, Health Education Centre, Woodburn House, Canaan Lane, Edinburg EH 1045G, Escócia.

• A Rede Internacional Feminista contra o Tráfego de Mulheres está organizando um seminário em Roterdã, em abril de 83, para discutir estratégias visando combater a escravidão sexual de mulheres. Endereço: Charlotte Bunch, International Women's Tribune Center, INC., 305 East 46th Street, 6th Floor, New York, N.Y., 10017, EUA.

AAA EDUCAÇÃO AAA

Sexo não tão explícito

Os livros didáticos no Brasil são um poderoso reforçador do conceito de que lugar de mulher é em casa, obedecendo ao marido e cuidando dos filhos. Para tentar mudar essa situação, um grupo de feministas esteve em Brasília, em setembro, em audiência com a ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz.

No encontro de quase uma hora, a socióloga Maria Luíza Eluf (autora de uma pesquisa sobre o sexismo nos livros de Educação Moral e Cívica), a escritora Rose Marie Muraro, a cineasta Eunice Gutman, a escritora Danda Prado e Marlene Libardoni, integrante do grupo Brasília Mulher, levaram a Esther de Figueiredo Ferraz a sugestão de que a comissão ministerial do livro didático faça uma análise profunda do sexismo contido na educação infantil. Elas entregaram também um abaixo-assinado com cerca de duas mil assinaturas que pede a eliminação do preconceito contra a mulher nas publicações didáticas.

"A ministra foi muito receptiva e prometeu estudar com atenção os dossiês que lhe entregamos sobre o sexismo. Ela sugeriu que a gente produza modelos alternativos de livros que eli-

minem o preconceito", relatou, depois do encontro, Maria Luíza Eluf. A socióloga chama a atenção para a importância de uma tomada de posição oficial sobre o assunto, pois o Fename, órgão do MEC, compra anualmente 128 milhões de exemplares de livros, de várias editoras, para distribuição gratuita.

Em conversa com assessoras de Esther de Figueiredo Ferraz, ficou a idéia de organização de um encontro nacional de editoras e autores, patrocinado pelo MEC, no próximo ano, especialmente para analisar o sexismo e tentar introduzir mudanças nos livros didáticos que serão usados nas escolas já no ano de 1984.

Desde já, contudo, lembra Maria Luíza Eluf, é importante que, nos vários Estados, os grupos feministas e de educadores entrem em contato com as comissões responsáveis pela seleção dos livros escolares que serão adotados em 1983, vinculadas às secretarias estaduais de Educação, para que pelo menos os livros mais grosseiramente preconceituosos não sejam adotados (Para maiores dados sobre o sexismo nos livros didáticos, veja *Mulherio* nº 4, pag. 20).



Já saiu o resultado do 3º Concurso de Dotações para Pesquisas sobre Mulher, realizado pela Fundação Carlos Chagas com recursos da Fundação Ford. São 18 os projetos aprovados, abordando assuntos tão variados quanto folclore, trabalho rural, planejamento familiar, organização sindical, SOS-Mulher, pornografia e empregadas domésticas.

CONCURSO

Preocupação com a ação, com o retorno da pesquisa — esta foi a tônica principal da maioria dos 138 projetos inscritos no 3º Concurso de Dotações para Pesquisa sobre a Mulher. Acompanhando a própria dinâmica da situação brasileira, vimos neste 3º concurso que não basta conhecer a situação da mulher no Brasil em seus vários aspectos, é preciso transformá-la, sintetiza a professora Glaura Vasques de Miranda, da Universidade Federal de Minas Gerais, uma das integrantes da comissão julgadora.

A comissão foi composta ainda por Neuma Aguiar, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Leni Silverstein, do Instituto Superior de Estudos da Religião, do Rio; e Carmen Barroso, Cristina Bruschini, Felícia Madeira e Fúlvia Rosemberg, da Fundação Carlos Chagas.

No fim de outubro, depois de dois dias de reunião para selecionar os projetos, as integrantes da comissão estavam angustiadas por não terem podido aprovar um número bem maior de projetos. "É visível o aumento da qualidade média dos projetos de um concurso para outro", disseram.

O processo de escolha foi cuidadoso. Inicialmente, 17 assessoras fizeram uma triagem, e cada projeto foi lido pelo menos por duas pessoas. Nesta fase, dos 138 projetos inscritos, foram escolhidos os 50 melhores, lidos em seguida pelas sete integrantes da comissão. Depois de serem dadas notas a cada um dos projetos, a comissão se reuniu durante dois dias para a escolha final.

"Só houve consenso, de início, quanto a dois projetos. Todos os outros foram exaustivamente debatidos por nós. Os critérios utilizados foram muitos. Procuramos não examinar apenas uma competência intelectual já demonstrada anteriormente pelo autor, mas também apostar em pessoas que tenham demonstrado um potencial bom. Verificamos também se os projetos eram viáveis, exequíveis. Havia muitos projetos com uma série de méritos. Tem gente fazendo uma ação na área de mulher muito importante, mas cujo nível de reflexão sobre a ação não está muito elaborado. A geração jovem compareceu com projetos excelentes".

A gama de assuntos abordados

nos projetos ampliou-se em relação aos concursos anteriores. Pornografia, assunto ignorado até hoje, aparece no projeto "A fala perversa", que pretende analisar o discurso narrativo erótico; folclore está no projeto "Atrás de toda grande festa existe uma grande mulher", um estudo do papel da mulher na organização de festas de caráter religioso-folclórico; o feminismo está contemplado em "Práticas feministas no Brasil contemporâneo — Um estudo de caso: SOS — Mulher", uma análise das representações simbólicas sobre o feminino formuladas através dos discursos das feministas participantes do SOS e das visitadoras que o procuram.

O tema da família continuou ausente dos projetos apresentados. Uma surpresa: num ano de eleições, foi apresentado apenas um projeto sobre a participação política da mulher. O número de projetos sobre saúde e sexualidade foi significativo. A maioria dos projetos mostra que os estudos sobre mulher estão rompendo as barreiras disciplinares.

O maior número de projetos apresentados foi de pesquisadoras de São Paulo e, do Sul, vieram pouquíssimos pedidos. Dos projetos aprovados, seus autores residem em São Paulo (10 projetos), Minas Gerais (três), Nordeste (três) e Rio de Janeiro (dois).

Vários projetos romperam a tradição acadêmica de resultar em textos. O cineasta João Batista de Andrade pediu recursos para a conclusão de um filme sobre a discriminação à mulher no trabalho, com base no Tribunal Bertha Lutz, Maria Luiza de Melo Carvalho vai fazer uma documentação fotográfica sobre o cotidiano de mulheres em Minas Gerais, na esfera privada e pública; e o projeto "A mulher em uma área de frente de expansão agrícola" inclui a produção de um audiovisual.

A comissão julgadora uniformizou o valor das bolsas de pesquisa no item referente à remuneração dos autores, independentemente de seu nível de qualificação acadêmica.

Os concursos anteriores já resultaram em dois livros, editados pela Brasileira — Vivência e Trabalhadoras do Brasil —, e logo sairá o terceiro volume de coletâneas de artigos, intitulado Mulher, Mulheres, pela Editora Cortez.

São os seguintes os projetos aprovados no 3º Concurso:

- "Estudo do aleitamento materno na grande São Paulo e na grande Recife, em 1981 - proposta de estudos especiais", de Elza Berquó.
- "Atrás de toda grande festa existe uma grande mulher", de Suzel Ana Reily.
- "Mulheres, migração e trabalho na fronteira agrícola: o caso de Conceição do Araguaia", de Jacquelyn Rhea Chase.
- "Dourando a Pílula - A ideologia do planejamento familiar", de Sonia Roedel.
- "Saúde das mulheres na Ilha de São Luís: maternidade, contracepção e aborto", de Lucília Scavone.
- "Mulher e saúde mental - a fala das mulheres: uma contribuição para ouvir, entender e decifrar", de Eunice Nishikawa e Gilda Centurion Braga.
- "Mulheres do barro: oleiras e olheiras", de Teresinha D'Aquino Ricci.
- "Práticas feministas no Brasil contemporâneo - um estudo de caso: SOS-Mulher", de Heloisa Pontes.
- "Filme documentário: 1º Tribunal Bertha Lutz", de João Batista de Andrade.
- "A fala perversa", de Eliane Robert Moraes e Sandra Maria Lapeiz.
- "Emprego doméstico, um estudo da ambigüidade de uma relação social", de Edna Maria Santos Roland.
- Reações sociais de gênero e organização social de Mcema Vezzer
- "Estudo do papel, participação e condição social da mulher no século XVIII mineiro", de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo.
- "A mulher em uma área de frente de expansão agrícola", de Maristela de Paula Andrade e José Murilo Moraes dos Santos.
- "A conquista de uma imagem positiva", de Maria Luiza de Melo Carvalho.
- "Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra", de Maria Lúcia de Barros Matt.
- "A construção social das mulheres de prendas domésticas", de Alice Inês de Oliveira e Silva
- "Secretária: uma ambigüidade em feição de profissão", de Amaryllis Alves Schvinger, Danda Prado e Jacqueline Castro.